

CADERNO

3

Série - Trabalhando com Homens Jovens



Da Violência para Convivência

Coordenação do
Projeto / Autor:



Instituto PROHOMO

Colaboração:



Apoio:



International
Planned
Parenthood
Federation
WESTERN HEMISPHERE REGION



Coordenação do Projeto / Autoria

Instituto PROMUNDO é uma organização não-governamental com escritórios no Rio de Janeiro e Brasília que procura aplicar conceitos das áreas de desenvolvimento humano, marketing social e direitos da criança através de pesquisa, apoio técnico, capacitação e disseminação de resultados de estratégias efetivas e integrais que contribuam para a melhoria das condições de vida de crianças, jovens e suas famílias. PROMUNDO executa estudos de avaliação; oferece treinamento para organizações trabalhando nas áreas relacionadas ao bem-estar de crianças, jovens e famílias; e trabalha com organizações parceiras que desenvolvam serviços e intervenções inovadoras para crianças, jovens e famílias. PROMUNDO é

uma organização não-governamental brasileira afiliada ao John Snow Research and Training Institute e a John Snow do Brasil. Suas áreas específicas de atuação incluem: prevenção de violência, fortalecimento de sistemas comunitários de apoio para crianças e adolescentes; gênero, saúde e adolescência; e crianças e famílias afetadas pela AIDS.

Contatos: Gary Barker / Marcos Nascimento
Rua Francisco Serrador, 2 / sala 702 - Centro
Rio de Janeiro, RJ, 20031-060, Brasil
Tel: (21) 2544-3114 / 2544-3115
Fax: (21) 2220-3511
E-mail: g.barker@promundo.org.br
Website: www.promundo.org.br

Apoio

IPPF/WHR – International Planned Parenthood Federation Western Hemisphere Region é uma organização sem fins lucrativos que trabalha na América Latina e no Caribe através de 44 organizações afiliadas, provendo serviços na área do Planejamento Familiar e outras áreas de saúde sexual e reprodutiva para mulheres, homens e jovens da região. IPPF/WHR tem colocado particular ênfase em incorporar perspectivas de gênero e de direitos na provisão dos serviços. Esta ênfase, por sua vez, tem sido motor de projetos

regionais para envolver aos homens na saúde sexual e reprodutiva e para dirigir esforços na área da violência de gênero. IPPF/RHO tem sido também pioneiro no desenvolvimento de serviços para jovens.

120 Wall Street, 9th Floor
New York, NY 10005
Tel: (212) 248-6400
Fax: (212) 248-4221
E-mail: info@ippfwhr.org
Website: www.ippfwhr.org

Colaboração

ECOS-Comunicação em Sexualidade é uma organização não-governamental que, desde 1989, vem incentivando trabalhos nas áreas de *advocacy*, pesquisa, educação pública e produção de materiais educativos em sexualidade e saúde reprodutiva. A experiência acumulada tem apontado para a necessidade de construção de um olhar de gênero que considere a perspectiva de masculina sobre sexualidade e saúde reprodutiva. Isto significou

incluir em suas práticas educativas e de comunicação, de maneira inovadora, a ótica de jovens e adultos do sexo masculino.

Contato: Silvani Arruda
Rua do Paraíso 592 - Paraíso
São Paulo, SP, 04103-001, Brasil
Tel/Fax. (11) 3171-0503 / 3171-3315
E-mail: ecos@uol.com.br
Website: www.ecos.org.br

O **Programa PAPAÍ** é uma instituição civil sem fins lucrativos que desenvolve pesquisas e ações educativas no campo das relações de gênero, saúde, educação e ação social, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco. Promovemos atividades de intervenção social junto a homens, jovens e adultos, em Recife, nordeste brasileiro, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades, a partir do enfoque de gênero, em nível nacional e internacional. Nossa equipe é composta por homens e mulheres: profissionais (graduados e pós-graduados) e estudantes da área de Ciências Hu-

manas e Sociais, além de inúmeros colaboradores e colaboradoras, diretos e indiretos.

Principais temas de trabalho: paternidade na adolescência, prevenção de DST e Aids, comunicação e saúde, violência de gênero, redução de danos e drogas.

Contatos: Jorge Lyra / Benedito Medrado
Rua Mardonio Nascimento, 119 - Várzea
Recife, PE, 50741-380, Brasil
Tel/Fax: (81) 3271-4804
E-mail: papai@npd.ufpe.br
Website: www.ufpe.br/papai

Salud y Género é uma associação civil, formada por mulheres e homens de distintas profissões e experiências de trabalho que se mesclam para desenvolver propostas educativas e de participação social inovadoras no campo da saúde e gênero. Contamos com dois escritórios: um em Xalapa, Veracruz, e outro em Querétaro, Querétaro, México. Salud y Género se desenvolve em um campo complexo e transformador, utilizamos a perspectiva de gênero como instrumento de nosso trabalho, pois nos permite ver possibilidades de transformação nas relações entre homens e mulheres. Através de nossas ações, pretendemos contribuir a uma melhor saúde e qualidade de vida de mulheres e homens nas áreas da saúde mental, sexual e reprodutiva, considerando que a equidade e a democracia são uma meta e responsabilidade compartilhada. Desenvolvemos oficinas educativas no México e na América Latina, oferecemos um

Curso em Gênero e Saúde, desenhamos e elaboramos materiais educativos e promovemos a incorporação do enfoque de gênero nas políticas públicas nas áreas de saúde, educação e população.

Contato: Benno de Keijzer/Gerardo Ayala

Em Xalapa: Carlos Miguel Palacios # 59
Col. Venustiano Carranza
Xalapa, Veracruz, México.
CP 91070
Tel/Fax: (52 8) 18 93 24
E-mail: salygen@infosel.net.mx

Em Querétaro: Escobedo # 16-5
Centro, Querétaro, Querétaro, México.
CP 76000
Tel/Fax: (52 4) 2 14 08 84
E-mail: salgen@att.net.mx

Colaboradores nas Provas de Campo: cinco ONGs colaboraram para validar estes cadernos em campo, sendo: BEMFAM (Brasil), INPPARES (Peru), MEXFAM (México), PROFAMILIA (Colômbia) e Save the Children – US (Bolívia). No módulo 3 se encontra uma descrição de cada uma delas e informação para contato.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	05
INTRODUÇÃO: Como foi elaborado e como usar este caderno.	07
MÓDULO 1: O QUÊ E O PORQUÊ. Uma introdução ao tema da violência, convivência e homens jovens.	19
O que é violência?	21
É melhor falar da prevenção da violência ou na promoção da convivência?	22
Qual é a dimensão da violência “masculina” nas Américas?	23
Os homens são “naturalmente” mais violentos que as mulheres? Ou seja, existe uma “causa” biológica para a violência masculina?	24
Se os rapazes são socializados para serem violentos, como é que isto acontece?.....	25
Estar fora da escola é uma causa de violência para os rapazes?	28
Violência é só coisa de homens jovens de baixa renda?	29
De onde vem a violência dos homens contra as mulheres?	30
Que sabemos sobre a violência sexual de homens jovens contra mulheres?.....	32
O que concluímos	33
MÓDULO 2: COMO. Como trabalhar a prevenção da violência com homens jovens.....	35
Técnica 1: O Bastão Falante	37
Técnica 2: O Varal da Violência	41
Técnica 3: Otário Vivo ou Valente Morto: A Honra Masculina.....	43
Técnica 4: A Violência à Minha Volta	46
Técnica 5: Diversidade e Direitos: Eu e os Outros.....	48
Técnica 6: Risco e Violência: as Provas de Coragem.....	50
Técnica 7: Violência Sexual: é ou não é?	52
Técnica 8: Da Violência para Respeito na Relação Íntima	55
Técnica 9: Homofobia: Homem Pode Gostar de Outro Homem?	57
Técnica 10: Que Faço Quando Estou com Raiva?.....	60
Técnica 11: Cidadania: O que Posso Fazer para Promover a Paz?	63
MÓDULO 3: ONDE. Onde procurar mais informação.	67
Recursos	69
Relato de uma Experiência: Instituto PROMUNDO	73
Organizações Colaboradoras na Avaliação dos Cadernos	76
BIBLIOGRAFIA	78
ANEXO: Prova de Campo dos Cadernos	80



AGRADECIMENTOS

Os autores deste caderno são Gary Barker e Marcos Nascimento, do Instituto PROMUNDO. Contudo, queremos enfatizar que a sua elaboração foi um processo coletivo que envolveu colegas e amigos de diversas instituições:

- ▀ Judith Helzner e Humberto Arango, International Planned Parenthood Federation/ Western Hemisphere Region (IPPF/WHR)
- ▀ Benedito Medrado e Jorge Lyra, Programa PAPAÍ
- ▀ Margareth Arilha e Silvani Arruda, Comunicação em Sexualidade (ECOS)
- ▀ Benno de Keijzer e Gerardo Ayala, Salud y Género
- ▀ Reginaldo Bianco, 3Laranjas Comunicação
- ▀ Os jovens do projeto “De Jovem para Jovem”, Bangu e Maré, Rio de Janeiro
- ▀ Luiz dos Santos Costa, Waldemir Correa e Cláudio Santiago, Grupo Consciência Masculina
- ▀ Paul Bloem, Organização Mundial de Saúde
- ▀ Matilde Maddaleno, Organização Panamericana de Saúde
- ▀ Angela Sebastiani, INPPARES
- ▀ Liliana Schmitz, PROFAMILIA
- ▀ Mônica Almeida, Ney Costa e Gilvani Granjeiro, BEMFAM
- ▀ Elizabeth Arteaga e Fernando Cerezo, Save the Children (Bolívia)
- ▀ José Angel Aguilar, MEXFAM
- ▀ Miguel Fontes e Cecília Studart, John Snow do Brasil e Soraya Oliveira, do Instituto PROMUNDO
- ▀ Carlos Zuma e Fernando Acosta, Instituto NOOS

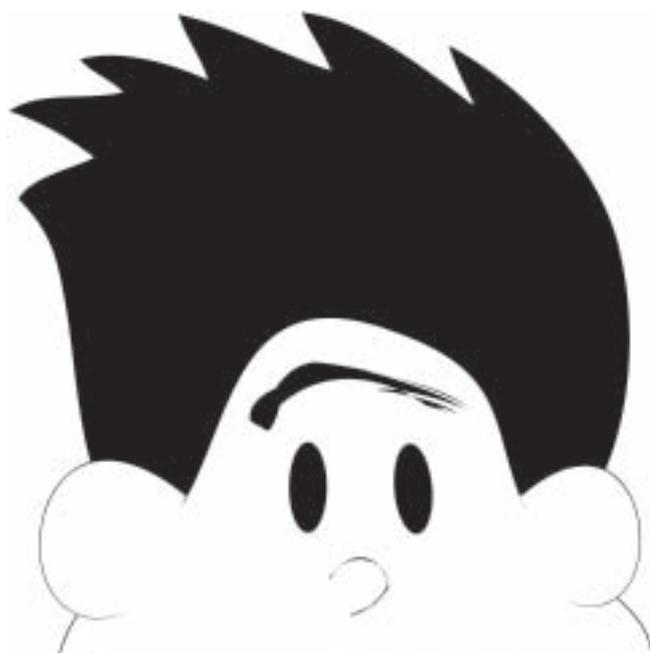
Apoio financeiro e material:

- ▀ International Planned Parenthood Federation/Western Hemisphere Region (IPPF/WHR)
- ▀ Summit Foundation
- ▀ Moriah Fund
- ▀ Gates Foundation
- ▀ US Agency for International Development
- ▀ Organização Mundial de Saúde/Organização Panamericana de Saúde

Sexualidade

projeto

Violência



Como foi elaborado
e como usar este caderno

Sexualidade

projeto

violência

1- Por que focar atenção nos rapazes?

Por muito tempo, assumiu-se que os homens adolescentes iam bem e que tinham menos necessidades do que as meninas em termos de saúde. Outras vezes, pensava-se que trabalhar com rapazes era difícil, por eles serem agressivos e não se preocuparem com a saúde. Frequentemente, eram vistos como violentos – violentos contra outros rapazes, contra si mesmos e contra as meninas. Pesquisas recentes e novas perspectivas chamam a atenção para um entendimento mais apurado de como os rapazes são socializados, do que eles precisam em termos de um desenvolvimento saudável, e o que os educadores de saúde e outros profissionais podem fazer para atendê-los de forma mais apropriada.

Passados 20 anos, inúmeras iniciativas procuraram um maior “empowerment” das mulheres e diminuir a hierarquia entre os gêneros. Muitas formas de “advocacy” mostraram a importância de engajar os homens, adultos e jovens, no bem-estar das mulheres, tanto adultas como jovens. A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD, 1994) e a IV Conferência Mundial sobre Mulheres em Beijing (1995) enfatizaram a importância de se incluírem os homens nos esforços de

melhorar o *status* de mulheres e meninas. O Programa de Ação da CIPD, por exemplo, procura “promover a equidade de gênero em todas as esferas da vida, incluindo família e comunidade, levando os homens a assumir sua parcela de responsabilidade por seu comportamento nas esferas sexual e reprodutiva bem como por seus papéis sociais e familiares”.

Em 1998, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decidiu prestar uma maior atenção nas necessidades dos homens adolescentes, reconhecendo que muitas vezes não houve um olhar mais cuidadoso por parte dos programas sobre as questões de saúde dos rapazes. Um documento de “advocacy” sobre homens adolescentes, preparado e impresso pela OMS em colaboração com o Instituto PROMUNDO, está incluído neste caderno. A UNAIDS dedicou a campanha de AIDS 2000-2001 aos homens, incluindo os homens jovens, e reconhecendo que o comportamento deles constitui um fator que os coloca em situações de risco, bem como às suas parceiras e parceiros. É necessário engajá-los de forma positiva tanto na prevenção do HIV/AIDS quanto no suporte para aqueles que vivem com AIDS.

Nos últimos anos, houve um aumento considerável no reconhecimento dos custos de alguns aspectos tradicionais da masculinidade tanto para homens adultos quanto para os rapazes – o pouco envolvimento com o cuidado com as crianças; maiores taxas de morte por acidentes de trânsito, suicídio e violência do que as meninas, assim como o consumo de álcool e drogas. Os rapazes têm inúmeras necessidades no campo da saúde o que requer usar esta perspectiva de gênero.

O que significa aplicar a “perspectiva de gênero” para trabalhar com homens adolescentes e jovens?





Gênero se refere às formas como somos socializados, como nos comportamos e agimos, tornando-nos homens e mulheres; refere-se também à forma como estes papéis e modelos, usualmente estereotipados, são internalizados, pensados e reforçados. A origem de muitos dos comportamentos dos homens e rapazes – negociação ou não do uso de preservativo, cuidado ou não das crianças quando são pais, utilização ou não da violência contra sua parceira – muitas vezes é encontrada na forma como os meninos foram socializados. Por vezes, assume-se que determinados comportamentos são da “natureza do homem”, ou que “homem é assim mesmo”. Contudo, a violência praticada por rapazes, o uso abusivo de drogas, o suicídio e o comportamento desrespeitoso em relação à sua parceira, estão relacionados à forma como as famílias, e de um modo mais amplo, a sociedade, educam meninos e meninas. Mudar a forma como educamos e percebemos os rapazes não é tarefa fácil, mas é necessária para a mudança de aspectos negativos de algumas formas de masculinidade.

Muitas culturas promovem a idéia de que ser um “homem de verdade” significa ser provedor e protetor. Incentivam os meninos a serem agressivos e competitivos – o que é útil na formação de provedores e protetores – o que leva, por vezes, as meninas a aceitarem a dominação masculina. Por outro lado, os meninos geralmente são criados para aderir a rígidos códigos de honra, que os obrigam a competir e a usar violência entre si para provarem que são “homens de verdade”. Meninos que mostram interesse em cuidar de crianças, que executam tarefas domésticas, que têm amizades com meninas, que demonstram suas emoções e que ainda não tiveram relações sexuais, em regra, são ridicularizados por suas famílias e companheiros como sendo “viadinhos”.

Na maior parte dos contextos, os meninos são criados para serem auto-suficientes, não se preocuparem com sua saúde e não procurarem ajuda quando enfrentam situações de *stress*. Ter com quem falar e procurar algum tipo de suporte é um fator de proteção contra uso de drogas e envolvimento com violência – o que explica em parte por que os meninos são mais propensos a se envolverem em episódios de violência e a consumir drogas que as meninas. Pesquisas confirmam que a forma como os homens são socializados trazem conseqüências diretas para sua saúde. Um levantamento nacional, com homens adolescentes entre 15 e 19 anos, realizado nos EUA, concluiu que jovens que tinham padrões sexistas e tradicionais de masculinidade eram mais propensos ao uso de drogas, ao envolvimento com violência e delinqüência e a comportamentos sexuais de risco do que outros homens jovens que possuíam visões mais flexíveis sobre o que um “homem de verdade” pode realmente fazer¹.

Com estas considerações, aplicar a perspectiva de gênero ao trabalhar com homens jovens implica:

(a) EQÜIDADE DE GÊNERO: Engajar os homens na discussão e reflexão sobre a hierarquia de gênero com objetivo de levá-los a assumir sua parcela de responsabilidade no cuidado com os filhos, nas questões de saúde reprodutiva e nas tarefas domésticas.

(b) ESPECIFICIDADE DE GÊNERO: Olhar para as necessidades específicas que os jovens possuem em termos de saúde e desenvolvimento por conta de seu processo de socialização. Isto significa, por exemplo, engajar os rapazes em discussões sobre uso de drogas ou comportamentos de risco, ajudá-los a entender por que se sentem pressionados a se comportarem desta ou daquela forma.

Este caderno incorpora estas duas perspectivas.

¹ Courtenay, W. H. *Better to die than cry? A longitudinal and constructionist study of masculinity and the health risk behavior of young American men [Doctoral dissertation]. University of California at Berkeley, Dissertation Abstracts International, 1998.*

2- Do homem jovem como obstáculo, ao homem jovem como aliado

Discussões sobre meninos e homens jovens, freqüentemente, têm focado sua atenção nos problemas – sua pouca participação nas questões de saúde sexual e reprodutiva e em aspectos violentos de seu comportamento. Algumas iniciativas nas áreas de saúde do adolescente têm encarado os rapazes como obstáculos ou como agressores. De fato, alguns rapazes são violentos com suas parceiras ou parceiros. Alguns são violentos entre si. Muitos jovens não participam do cuidado dos seus filhos, e não têm uma participação adequada em relação às suas necessidades de saúde sexual e reprodutiva, nem de suas parceiras. Mas existe uma outra parcela de homens adolescentes e jovens que participa do cuidado com as crianças, e que é respeitosa nas suas relações de intimidade. Ao mesmo tempo, é importante lembrar que ninguém é apenas de um único jeito o tempo todo; um homem jovem pode ser violento com o/a parceiro/a e mostrar-se cuidadoso com os filhos, ou violento em alguns contextos e em outros não.

Este caderno parte do princípio que os homens devem ser vistos como aliados – atuais ou potenciais – e não como obstáculos. Os rapazes, mesmo aqueles que por vezes tenham sido violentos ou que não tenham demonstrado respeito com suas parceiras, possuem potencial para serem respeitosos e cuidadosos com elas, para negociar em suas relações com diálogo e respeito, para assumir responsabilidades por seus filhos, e para interagir e viver de forma harmoniosa ao invés de forma violenta.

Tanto pesquisas como nossa experiência pessoal como educadores, pais, professores e profissionais de saúde demonstram que os rapazes respondem muitas vezes segundo as expectativas que se tem deles. Pesquisas sobre delinqüência mostram que um dos fatores associados ao comportamento delinqüente é

ser taxado como delinqüente pelos pais, professores e outros adultos. Rapaz que se sente rotulado e categorizado como delinqüente tem mais probabilidade de ser um delinqüente. Se, esperamos rapazes violentos, se esperamos que eles não se envolvam com cuidados com seus filhos e que não participem de temas ligados à saúde sexual e reprodutiva de uma forma respeitosa e comprometida, então criamos profecias que se autocumprem.

Estes cadernos partem da premissa de que os jovens devem ser vistos como aliados. É fato que alguns jovens são violentos com os outros e consigo mesmos. Mas acreditamos que é imperioso começar a perceber o que os homens jovens fazem de positivo e humano e acreditar no potencial de outros homens jovens de fazer o mesmo.

3- Sobre a série de cadernos de trabalho

Este caderno sobre violência e convivência é parte de uma série de cinco cadernos chamada “Trabalhando com Homens Jovens”. Esse material foi elaborado para educadores de saúde, professores e/ou outros profissionais ou voluntários que desejem ou já estejam trabalhando com homens jovens. Isto inclui tanto aqueles profissionais interessados em trabalhar, como aqueles que já vêm trabalhando com homens adolescentes e jovens entre 15 e 24 anos, faixa que corresponde à “juventude”, segundo definições da OMS. Sabemos que esta faixa é bastante ampla, e não necessariamente estamos recomendando que se trabalhe em grupos com jovens de 15 a 24 anos no mesmo grupo. Porém, as técnicas incluídas aqui foram testadas e elaboradas para trabalhar com homens jovens nesta faixa de idade e em diversos locais e contextos.

Os cinco cadernos desta série são:

a) **Sexualidade e Saúde Reprodutiva:** em busca dos direitos sexuais e reprodutivos dos homens jovens



b) Paternidade e Cuidado

c) **Da Violência para Convivência:** um caderno para trabalhar a prevenção de violência, incluindo violência de gênero, com homens jovens.

d) **Razões e Emoções.** Caderno para trabalhar saúde mental com homens jovens.

e) Prevenindo e Vivendo com HIV/AIDS

Cada caderno contém uma série de técnicas, com duração entre 45 minutos e 2 horas planejadas para uso em grupos de homens jovens, e que, com algumas adaptações, podem ser usadas para grupos mistos.

Recomendamos

O que nós recomendamos: trabalhar com homens jovens em grupos só de rapazes ou em grupos mistos (rapazes e meninas)? Nossa resposta é: as duas formas. Como organizações que vêm trabalhando com grupos de homens, jovens e adultos, bem como com grupos de mulheres e grupos mistos, acreditamos que para alguns temas é útil trabalhar com grupos separados, ou seja, somente de rapazes. Alguns rapazes e homens jovens se sentem mais à vontade em discutir temas como sexualidade e raiva, em expor suas emoções sem uma presença feminina. Num contexto de grupo, com um facilitador e outros homens jovens, alguns homens são capazes de falar sobre sentimentos e temas que nunca haviam falado antes.

Em nossa experiência, alguns homens jovens reclamam ou se mostram pouco interessados se não há mulheres no grupo. Claro que ter menina pode fazer um grupo mais interessante. Mas também vemos em muitas ocasiões que a presença de mulheres faz com que os rapazes não

se exponham, não se abram ou deixam que as mulheres falem mais sobre assuntos íntimos. Em alguns grupos vemos que as mulheres chegam a ser "embaixadoras" emocionais dos homens, ou seja, os homens não expressam suas emoções, delegando esse papel às mulheres.

Na aplicação destas técnicas, em cinco países, ficou confirmado que para muitos dos homens presentes foi a primeira vez que tinham participado de um grupo só de homens. Embora alguns dissessem que havia sido difícil no início, depois acharam que era importante ter algum tempo só com grupos de rapazes.

Contudo, ao mesmo tempo, recomendamos que pelo menos uma parte do tempo seja dedicada a trabalhar com meninos e meninas juntos. Homens e mulheres vivem juntos, trabalham juntos; alguns formam parcerias afetivas e famílias das mais diversas formas e arranjos. Nós acreditamos que, como educadores, professores e profissionais que trabalham com jovens, devemos promover interações que propiciem respeito e equidade. O que significa que, pelo menos em uma parte do tempo, devemos trabalhar com grupos mistos.

4- Como as atividades foram desenvolvidas

As técnicas incluídas nestes cadernos surgiram da experiência coletiva de trabalho com homens jovens das organizações colaboradoras, nos temas de equidade de gênero e saúde. Muitas atividades foram desenvolvidas e testadas com a participação e colaboração de homens jovens. Outras atividades foram adaptadas de materiais já existentes de trabalho com jovens. Neste caso, fizemos referências ao crédito devido.

Todas estas atividades foram testadas, em cinco países da América Latina, com 172 homens jovens entre 15 e 24 anos, em colaboração com IPPF/WHR:

- a) INPPARES, em Lima, Peru;
- b) PROFAMILIA, em Bogotá, Colômbia;
- c) MEXFAM, México, DF;
- d) Save the Children, em Oruro, Bolívia; e
- e) BEMFAM, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, Brasil.

Os resultados desta prova de campo se encontram no Anexo deste caderno.

5- Objetivos dos cadernos e das técnicas

O que nós esperamos com estas atividades? É importante afirmar que simplesmente trabalhar com homens jovens em grupo não resolve as necessidades envolvidas pelos temas tratados. Se procuramos mudar o comportamento de alguns homens jovens, é importante apontar que mudança de comportamento requer mais do que uma participação por um período de tempo em algumas técnicas de grupo. Vemos esses cadernos como uma ferramenta que pode ser usada por educadores de saúde, professores e outros profissionais como parte de um leque de atividades mais amplo de engajar homens jovens.

Esses cadernos têm de fato dois níveis de objetivos: (a) Objetivos para os educadores que vão usar o material; (b) Objetivos para os homens jovens participantes nas técnicas a seguir:

Os objetivos específicos para os educadores que vão usar o material são:

-  Fornecer um “background” para educadores de saúde, professores e profissionais que trabalhem com jovens nas questões de saúde e de desenvolvimento que os rapazes e homens jovens enfrentam.
-  Fornecer exemplos concretos de experiências de programas para engajar homens jovens nestes temas.
-  Proporcionar exemplos detalhados de técnicas que educadores de saúde, professores e outros profissionais podem executar com grupos de homens jovens sobre estes temas.
-  Fornecer uma lista de fontes, em forma de estudos, informações prévias, vídeos, material educativo e contato com organizações que possam prover informações adicionais sobre as necessidades de saúde de homens jovens.



Os objetivos para os homens jovens participantes nas técnicas sobre prevenção da violência são:

-  Introduzir formas alternativas de convivência que incluem diálogo e respeito.
-  Entender as formas de violência que praticamos e que sofremos.
-  Refletir e questionar como a socialização masculina muitas vezes fomenta violência.
-  Questionar como a violência é usada contra mulheres e diversos grupos minoritários (por exemplo, homens gays entre outros), e entre os próprios jovens.

Esperamos e acreditamos que as técnicas incluídas aqui possam de fato mudar comportamentos em alguns casos com alguns homens jovens. Contudo, para afirmar mudanças de comportamento em razão da participação nestas técnicas, íamos precisar de mais tempo de avaliação e condições para uma avaliação de impacto com grupos de controle e longitudinais, que não dispomos no momento. O que podemos afirmar via os testes de campo realizados é que usar estas técnicas como parte de um processo grupal com homens jovens fomenta mudanças de atitudes e aquisição de novos conhecimentos frente à violência e à necessidade de maior igualdade entre homens e mulheres, seja entre homens jovens no âmbito público, seja entre homens jovens e seus/suas parceiros/as nas relações íntimas.



6- Qual é o perfil do homem jovem que todos queremos?

Os objetivos dos cinco cadernos estão baseados em pressupostos sobre o que nós – educadores, pais, amigos, parceiros, parceiras e famílias – queremos que os homens jovens sejam. Também os trabalhos nas áreas de equidade de gênero, prevenção de violência, saúde mental e prevenção da HIV/AIDS têm objetivos comuns sobre o que acreditamos sobre o que os homens devem chegar a ser. E por último – e mais importante – a expressão dos desejos dos próprios homens jovens – de como querem ser e de como ser tratados por seus pares masculinos. Com tudo isto, as técnicas incluídas nestes cinco cadernos têm por meta geral de promover um perfil de homens jovens que:

- ✎ Acreditem no diálogo e na negociação em vez de violência para solucionar conflitos, e de que de fato demonstram o uso de diálogo e negociação nas suas relações interpessoais.
- ✎ Mostram respeito para com as pessoas de diferentes contextos e estilos de vida e que questionam as pessoas que não mostram este respeito.
- ✎ Mostram respeito em suas relações íntimas e que buscam relações com base na equidade e respeito mútuo, seja no caso de homens jovens que se definem como heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.
- ✎ No caso de homens que se definem como heterossexuais, que participem das decisões referentes à reprodução, conversando com a parceira(s) sobre saúde reprodutiva e sexo mais seguro, usando ou colaborando com a parceira(s) no uso de preservativos e/ou outros métodos quando não desejam ter filhos.
- ✎ No caso de homens que se definem como homossexuais ou bissexuais ou que tenham relações sexuais com outros homens, que conversem com seu parceiro ou parceiros sobre sexo mais seguro e uso ou colaboração com o parceiro(s) da prática de sexo seguro.
- ✎ Não acreditem e nem usem violência contra os seus parceiros/as íntimos/as.
- ✎ Acreditem que cuidar de outros seres humanos é também atributo de homens e mostram a habilidade de cuidar de alguém, sejam amigos, familiares, parceiro/as e os próprios filhos no caso de homens jovens que já sejam pais.
- ✎ Acreditem que os homens também podem expressar emoções além da raiva, e que mostrem habilidade de expressar emoções e buscar ajuda – seja de amigos, seja de profissionais – quando for necessário para questões de saúde em geral e também de saúde mental.
- ✎ Acreditem na importância e que mostrem a habilidade de cuidar de seus próprios corpos e da própria saúde, incluindo pessoas vivendo com HIV/AIDS.

7- Como usar estas atividades?

Notas para facilitadores

-  A experiência na utilização destes materiais indica que é preferível usar as técnicas em seu conjunto e não de forma isolada.
-  É interessante que haja, sempre que possível, a presença de dois facilitadores.
-  Deve-se usar um espaço adequado para o trabalho com os jovens propiciando que as atividades sejam realizadas sem restrição na movimentação deles.
-  Deve-se proporcionar um ambiente livre, respeitoso, onde não haja julgamentos ou críticas a priori das atitudes, falas ou posturas dos jovens.
-  Situações de conflito podem acontecer. Cabe aos facilitadores intervir tentando estabelecer um consenso e respeito à diferença de opiniões.
-  O trabalho deve ir se aprofundando, atendendo sempre para ir além de um possível "discurso politicamente correto".
-  É bom lembrar que nem sempre o contato físico é fácil para os rapazes. Atividades que exijam toque físico podem e devem ser colocadas com alternativas de participação ou não, respeitando os limites de cada um.
-  Os pontos de discussão, sugeridos nas técnicas apresentadas, não precisam ser usados necessariamente no final das técnicas, mas podem ser utilizadas durante a execução das mesmas, conforme o facilitador acredite que seja mais apropriado.

O ponto central destes cadernos é constituído por uma série de técnicas para trabalhar com homens jovens em grupos. Estas atividades foram desenvolvidas e testadas com grupos de 15 a 30 participantes. Nossa experiência demonstra que o uso deste material para grupos menores (15 a 20 participantes) é mais produtivo, mas o facilitador também pode usar as técnicas descritas para grupos maiores. Muitas das atividades

incluídas aqui tratam de temas pessoais profundos e complexos como a promoção da convivência, a sexualidade e a saúde mental. Nós recomendamos que estas atividades sejam facilitadas por pessoas que se sintam confortáveis em trabalhar com estes temas, que tenham experiência de trabalho com jovens e que tenham suporte de suas organizações e/ou de outros adultos para executar tais atividades.

Onde e como trabalhar com rapazes?

Pode e deve usar estas técnicas em diversas circunstâncias - na escola, grupos desportivos, clubes juvenis, quartéis militares, em centros de jovens em conflito com a lei, grupos comunitários etc. Também podem ser usados com grupos de jovens numa sala de espera de uma clínica ou posto de saúde. O que precisa é um espaço privado, tempo disponível, facilitadores dispostos.

Lembrando que os rapazes, geralmente, estão em fase de crescimento, recomenda-se também que se ofereça algum tipo de lanche ou merenda e que disponham de atividades físicas e/ou de movimento.

Reconhecemos que aplicar estas atividades não é sempre uma tarefa fácil e nem sempre previsível. Os temas são complexos e sensíveis – violência, sexualidade, saúde mental, paternidade, AIDS. Pode haver grupos de rapazes que se abram e se expressem profundamente durante o processo, assim como outros que não queiram falar. Não sugerimos o uso destas técnicas como terapia grupal. Devem ser vistos como parte de um processo de reflexão e educação participativa. A chave deste processo é o/a educador/a ou o/a facilitador/a. Cabe a ele/a saber se se sente confortável com estas temas e capaz de administrar as técnicas. A proposta deste tipo de intervenção é ir além desta etapa, propiciando reflexões e mudanças de atitudes. Como mencionaremos mais adiante, as quatro organizações autoras oferecem oficinas de capacitação no uso dos cadernos. Os interessados devem entrar em contato com o Instituto PROMUNDO ou com uma das outras organizações colaboradoras.



8- Facilitadores homens ou mulheres?

Quem deve facilitar atividades de grupo com homens jovens? Somente homens podem ser facilitadores para trabalhar com rapazes? A experiência das organizações colaboradoras é que em alguns contextos, os rapazes preferem a oportunidade de trabalhar e interagir com um homem como facilitador, que poderá escutá-los e, ao mesmo tempo, servir de modelo em alguns aspectos para pensar o significado de ser homem. Contudo, nossa experiência coletiva sugere que a qualidade do facilitador – a habilidade, do homem e da mulher enquanto facilitadores, de engajar o grupo, de escutá-los e de motivá-los – são fatores mais importantes que o sexo do facilitador. Nós também acreditamos que seja útil ter facilitadores trabalhando em pares, às vezes em pares mistos (homem e mulher), o que traz importantes contribuições para mostrar aos homens jovens, homens e mulheres trabalhando juntos para construção de igualdade e respeito.

9- Como este caderno está organizado

Este caderno está organizado em três módulos:

MÓDULO 1: O QUÊ E O PORQUÊ Este módulo traz uma introdução sobre o tema de convivência, violência e homens jovens, apresentando uma breve análise sobre a relação entre socialização masculina e violência. Como complemento a este módulo, está incluído neste conjunto de cadernos, um documento da OMS, “Boys in the Picture/Los Muchachos en la Mira/Em Foco, os Rapazes” que traz informações adicionais sobre violência e os outros temas abordados nos outros cadernos.

MÓDULO 2: COMO O que o educador pode fazer. Este módulo traz 11 técnicas elaboradas e testadas para trabalho direto com homens jovens (15-24 anos) na promoção da convivência e a prevenção da violência, incluindo violência de gênero. Cada técnica traz dicas para facilitadores e comentários sobre a aplicação desta técnica em diversos contextos.

MÓDULO 3: ONDE Onde procurar mais informação? Este módulo apresenta uma lista de recursos, incluindo fontes de informação, contatos com organizações que poderão prover informações adicionais sobre o tema, lista de vídeos e outros recursos que poderão ser úteis no trabalho do tema com os homens jovens. Este módulo também apresenta algumas descrições sobre trabalho direto com homens jovens na área da promoção da convivência, incluindo um estudo de caso do trabalho do Instituto PROMUNDO.

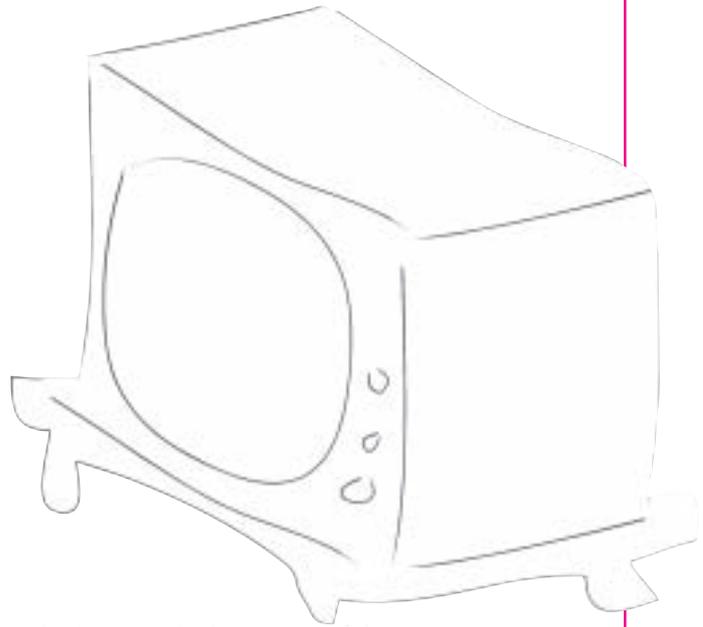
10- O vídeo "Minha Vida de João"

Este conjunto de cadernos vem com uma cópia de um vídeo em desenho animado, sem falas, chamado "Minha Vida de João". O vídeo apresenta a história de um rapaz, João, e seus desafios de rapaz tornando-se homem. Ele enfrenta o machismo, a violência intrafamiliar, a homofobia, as dúvidas em relação à sexualidade, a primeira relação sexual, gravidez, uma DST (doença sexualmente transmissível) e paternidade. De forma lúdica, o vídeo introduz os temas tratados nos cadernos.

Recomendamos o vídeo para uso tanto para facilitadores e/ou outros membros da equipe de sua organização, como para os próprios rapazes. O vídeo serve como uma boa introdução aos temas e às técnicas. A reação dos rapazes ao vídeo pode ser um bom "diagnóstico" para o facilitador saber o que os rapazes pensam sobre os vários temas.

11- Mantendo contato

As organizações colaboradoras formaram uma rede de aprendizado para a troca contínua de informações de trabalho com homens jovens sobre estes temas. Gostaríamos contar com sugestões e com sua participação nesta rede. Organizaremos seminários nacionais e regionais sobre o tema, bem como faremos *workshops* em vários países da América Latina. Estamos disponíveis para *workshops* de treinamento adicionais na utilização deste material e em trabalhos com homens jovens. Queremos ouvi-lo a respeito da utilização destas atividades. Escreva para qualquer uma das organizações colaboradoras listadas na primeira página para participar da rede, para compartilhar suas experiências e para sugestões.



12- Adaptando o material

Queremos que este material seja utilizado e adaptado da forma mais ampla possível. Também permitimos que o material seja reimpresso mediante solicitação de permissão ao Instituto PROMUNDO e demais organizações colaboradoras. Caso tenham interesse em reimprimir o material com o nome e logotipo de sua organização, entre em contato com o PROMUNDO. **É permitida a reprodução do material desde que citando a fonte.**

Sexualidade

projeto

violência



Módulo 1



O Quê e o Porquê

Uma introdução ao tema de violência, convivência e homens jovens.



OBJETIVO

Este módulo provê informações sobre as raízes da violência, chamando a atenção para os aspectos de gênero envolvidos nesta questão. Muitos estudos sobre violência e programas que trabalham na área de prevenção de violência deixam de considerar

um aspecto importante: a maioria dos atos de violência interpessoal na esfera pública é cometida por homens jovens contra outros homens jovens e, na esfera privada, por homens contra mulheres. Por que a maioria dos autores de atos de violência é de homens jovens? E o que podemos fazer em relação à violência masculina?

“Um homem não fica violento à toa. Mas às vezes, uma situação machuca um homem ... e ele faz coisas que não queria fazer.” (Homem jovem, Rio de Janeiro)

*“Eu não quero matar, mas este lugar me faz querer matar...”
(Personagem principal do filme ‘O Boxeador’, sobre a violência e o sectarismo na Irlanda do Norte)*

O que é violência?

Num nível simples, violência pode ser definida como “o uso da força física ou ameaça do uso da força com intenção de prejudicar fisicamente uma pessoa ou um grupo”¹. Essa definição está focada em atos de **violência interpessoal**, ou seja, de indivíduos contra outros indivíduos. Mas a violência também se apresenta como o uso do poder de um grupo sobre outro, chamado de **violência institucional**. A dominação masculina sobre as mulheres, através dos séculos em alguns contextos, também pode ser considerada como uma forma de violência. A dominação de um grupo étnico sobre outro, ou de uma classe social sobre outra, também pode ser chamada de violência. Violência institucional – particularmente a distribuição desigual de renda e a manutenção de um quadro de pobreza em muitas regiões da América – é, provavelmente, a maior forma de violência de

nossa região e, também, geradora de violência interpessoal. Contudo, a violência interpessoal em si mesma é um grande problema nessa região, e é o foco deste caderno.

Ao definir violência, é importante afirmar que ela ocorre mais frequentemente em alguns contextos do que em outros, e é mais provável de ser cometida por e contra homens – preferencialmente homens jovens. Nos espaços públicos, os homens jovens são autores e vítimas de violência. Nos espaços privados, ou seja, na casa, é mais frequente que os homens sejam autores de violência, enquanto as mulheres são mais vítimas. Pesquisas que mostram as causas da violência preenchem volumes de livros, e têm sido alvo de muitos estudos. Mas o que frequentemente se deixa de lado nestas discussões é o aspecto de gênero, que está associado à violência – o fato de que homens, sobretudo homens jovens, são mais passíveis de usar a violência do qualquer outro grupo.



É melhor falar da prevenção da violência ou na promoção da convivência?

Achamos importante falar principalmente sobre uma convivência pacifista. É muito comum, ouvirmos “campanhas contra a violência”, “pacto contra a violência”, mesmo “luta contra violência” ou “combate à violência”. A linguagem utilizada encontra-se carregada de violência. Muitas vezes, queremos combater e punir, violentamente, quem faz uso da violência. Nas escolas e comunidades, ouvimos pessoas dizer que querem punir e reprimir os jovens que cometem violência – muitas vezes dando pouca atenção para pensar no aspecto da prevenção da violência. A região das Américas – com a Rússia – tem a infeliz distinção de ter a maior proporção de pessoas em prisões (97% dos quais são homens) do que qualquer outra região do mundo, geralmente em condições que são violentas. Ou seja, ao enfrentar a violência, nossas respostas muitas vezes são também violentas.

Para prevenir a violência com homens jovens, achamos fundamental imaginar, visualizar e criar com eles condições para

promover uma convivência pacifista, e não apenas falar sobre “como combater a violência”. A UNESCO vem promovendo uma campanha internacional de “Cultura de Paz”, justamente procurando incentivar atitudes e condições favoráveis à paz. Porém, muitas pessoas acham que homens jovens não querem falar de paz. Contudo, quando conseguimos ir além da “face de durão”, que às vezes os rapazes apresentam, encontramos homens jovens que, quando se permite que se expressem, estão assustados e preocupados com a violência que cometeram ou com a violência de que foram vítimas. Muitos deles tiveram experiências de violência ou foram testemunhas de violência, e estão disponíveis para conversar sobre como negociar, sobre como repensar as relações de poder, sobre como resolver os conflitos de forma alternativa. Nas atividades incluídas aqui, queremos promover condições para que os homens jovens não falem somente sobre competição, poder, força e violência – mas também sobre paz e construção de uma convivência pacifista.

Qual é a dimensão da violência “masculina” nas Américas?

Reverendo os dados sobre violência na região das Américas, chegamos a uma conclusão perturbadora: homens jovens são mais prováveis de matar outro homem jovem do que em qualquer outra parte do mundo. A taxa de homicídio na América Latina é em torno de 20 para cada 10.000 ao ano, a maior do mundo. A taxa mais elevada na região é na Colômbia, onde, entre 1991 e 1995, houve 112.000 homicídios, dos quais 41.000 foram de jovens, e a grande maioria homens jovens².

Esse elevado índice de violência entre homens é um tremendo ônus para a economia da região. O custo público e privado associado à violência representa até 15 % do produto interno de alguns países na região³. Um estudo sugere que na Colômbia, a renda *per capita* podia ser até 33 % maior se não fossem as elevadas taxas de violência e crimes dos últimos 10 anos⁴. A Organização Panamericana de Saúde e outros órgãos internacionais confirmam que a violência entre adolescentes é um dos mais importantes problemas de saúde pública na região⁵.

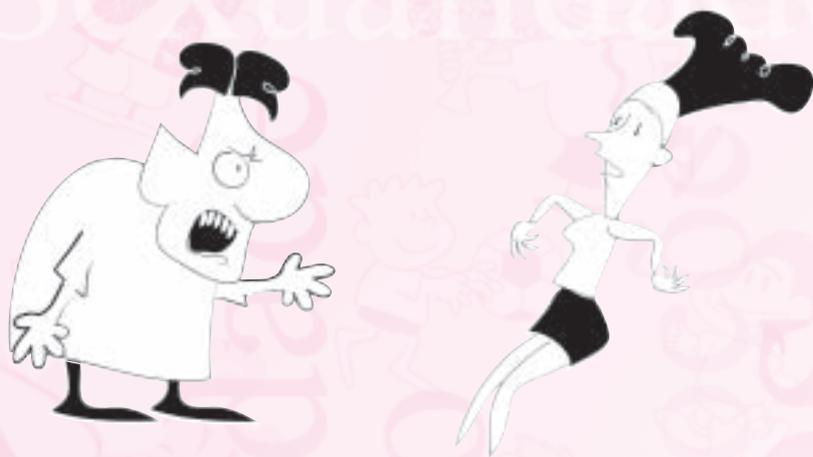
Estatísticas confirmam que ferimentos resultantes de violência (seguidos por acidentes em algumas regiões) estão entre as principais causas de morbidade e mortalidade entre homens adolescentes e homens jovens. Homicídio é a terceira causa de morte entre adolescentes entre 10 e 19 anos nos Estados Unidos, e representa 42% da causa de mortes entre homens jovens negros nos últimos 10 anos⁶. Dois terços das mortes entre jovens de 15 a 19 anos no Brasil são por causas externas – homicídio, acidentes de trânsito e outras causas violentas. A violência afeta homens

jovens entre 15 e 24 anos mais do que qualquer outra faixa etária nas Américas.

A violência se concentra em determinadas áreas, geralmente nas áreas urbanas marginalizadas. No Rio de Janeiro, por exemplo, em 1995, houve 183,6 mortes em cada 10.000 homens adolescentes entre 15 e 19 anos, quase um em cada 50⁷.

Homicídio não é a única forma de violência masculina, mas certamente é a mais divulgada. De fato, outras formas “menores” de violência – brigas, assaltos, violência doméstica – são muito mais comuns e afetam muito mais os jovens que o homicídio. Um estudo sobre jovens de uma comunidade de baixa renda no Rio de Janeiro encontrou que 30% deles estiveram envolvidos em brigas, a maioria rapazes⁸. Nos EUA, um estudo nacional encontrou que 14,9% de rapazes comparados com 5,8% de meninas foram autores de pelo menos uma forma de comportamento delinqüente no ano anterior⁹.

Finalmente, quando examinamos os números da violência, é importante que não superestimemos o tema. A maioria dos homens jovens não usa violência contra os outros. Muitos deles são encorajados por seus companheiros de grupo a ter um comportamento violento. Outros silenciam quando vêem seus companheiros usarem violência. **Violência é o principal tema de debate neste caderno, mas temos que ter em mente o potencial dos homens jovens para interagirem sob uma forma pacifista. A violência está nas manchetes. A paz raramente está.**



Os homens são “naturalmente” mais violentos que as mulheres? Ou seja, existe uma “causa” biológica para a violência masculina?

Existem estudos que sugerem que a biologia pode estar envolvida na violência “masculina”, mas num sentido muito limitado. Algumas pesquisas afirmam que existem diferenças biológicas entre meninos e meninas em termos de temperamento. Os meninos teriam uma taxa mais alta de falta de controle de impulsos, hiperatividade e outras características como reatividade e irritabilidade – traços que podem ser precursores de agressividade¹⁰. Pesquisas apontam ainda que desde os quatro meses de idade os meninos mostram mais irritabilidade do que as meninas, que esse fator está associado à hiperatividade e à agressividade deles¹¹. Porém, alguns estudos apontam que os meninos são mais irritadiços porque os pesquisadores “esperam” que eles sejam mais irritadiços, ou então por que seus pais, demonstrando atitudes estereotipadas de gênero, estimulam os meninos das mais variadas formas, ou ainda não procuram acalmá-los da mesma forma que o fazem com as meninas. **Mas o importante é isso: Pesquisadores sobre violência em quase sua totalidade afirmam que os aspectos biológicos têm um papel mínimo na explicação do comportamento violento, enfatizando que os fatores sociais e culturais durante a infância e a adolescência são, de fato, os responsáveis pelo comportamento violento de alguns rapazes. Em suma, os**

meninos não são “naturalmente” ou biologicamente mais violentos. Eles aprendem a ser violentos.

Também, ouvimos argumentos que dizem que ser violento faz parte do desenvolvimento “natural” ou “normal” dos rapazes, ou seja, que é “normal” os rapazes serem violentos durante a adolescência. Se é verdade que os rapazes desenvolvem esses comportamentos violentos e delinquentes mais que as mulheres adolescentes, não há nada que seja natural, normal ou inevitável nisso. Pesquisas de várias partes do mundo confirmam que a violência é um comportamento aprendido e repetido por alguns homens jovens em certos contextos e, como tal, pode ser desaprendido e prevenido. Achar que os homens jovens são naturalmente mais violentos, ou esperar que os rapazes abandonem um comportamento violento quando se tornarem adultos não é uma forma apropriada ou realista de responder à violência.

Finalmente, quando revisamos os dados sobre violência e agressão, é importante que tenhamos em mente que as meninas também mostram agressividade e violência. Estudos mostram que os rapazes são mais propensos a usar agressão física, ou seja, bater ou chutar, enquanto as meninas utilizam agressões indiretas – mentindo, ignorando alguém ou rejeitando outros membros do grupo social, outras tantas formas de agressão.

Se os rapazes são socializados para serem violentos, como é que isto acontece?

As respostas são várias: vendo pais e irmãos terem comportamentos violentos; sendo encorajados a brincar com armas e a brigar; aprendendo que para ser um “homem de verdade” é preciso brigar com quem o insulta; sendo tratados de forma violenta por seus companheiros e familiares; sendo encorajados a tomar atitudes violentas pelo seu grupo de amigos; e sendo ridicularizados quando não o fazem. Ensinado-lhes que é correto expressar raiva e agredir outros, mas não os educando a expressar tristeza e remorso, por exemplo.

Os pais e as famílias têm um papel fundamental em encorajar ou não comportamentos violentos de meninos e homens jovens. Em comunidades de baixa renda, onde as famílias podem estar mais estressadas por conta das dificuldades decorrentes do subemprego e da pobreza, elas às vezes têm menos habilidade de cuidar de suas crianças, particularmente filhos, e monitorar aonde vão e com quem saem. Pais estressados, de todas as classes sociais, tendem a usar mais coerção e disciplina física contra seus filhos em geral, e mais ainda contra os filhos homens, o que pode causar uma rebeldia por parte dos meninos. Por outro lado, homens jovens que são acolhidos por suas famílias, que participam de atividades junto com elas e são acompanhados de perto têm menos chance de se tornarem violentos ou delinquentes, seja em comunidades de baixa renda ou de classe média.

Mas a família não é a responsável pela violência de alguns rapazes. Além da família, há outros espaços onde os homens jovens podem ser socializados de forma a serem violentos, como a escola, por exemplo, ou via atividades esportivas que encorajem os rapazes a usar a força para resolver tudo, ou ainda, quando se enfatiza o uso de violência como sendo um atributo masculino positivo.

A forma com que lidamos ou rotulamos os rapazes também pode encorajá-los à violência. Rapazes que são rotulados como

“delinquentes” ou “violentos” ou “problemáticos” são mais propensos a ser violentos. Em muitos contextos, os rapazes têm mais probabilidades do que as meninas a ter um comportamento problemático, por exemplo, ser rebeldes em salas de aula ou serem hiperativos. Pais e professores freqüentemente rotulam meninos de problemáticos e lidam com eles de forma autoritária. Quando se acredita que os rapazes são violentos ou delinquentes, eles freqüentemente se tornam violentos e delinquentes. Por quê? Em parte, porque quando pais e professores rotulam os rapazes de “agressivos” ou “problemáticos”, com freqüência excluem estes meninos de atividades que podem ser positivas e “socializadoras” como o esporte, por exemplo. E também, porque se um professor ou pai acha que um rapaz é ou será violento, geralmente o trata de forma violenta.

Rapazes que testemunharam violência ou foram vítimas de violência são mais propensos a ser violentos. Assistir a atos de violência muitas vezes afeta meninos e meninas de diferentes formas. Para os meninos, os traumas relacionados ao testemunhar a violência são mais passíveis de serem externalizados de forma violenta do que as meninas¹². Muitos meninos são educados a não expressar medo e tristeza, mas são incentivados a expressar raiva e agressividade. Ao mesmo tempo, em muitas partes do mundo, os meninos tendem a ser vítimas de abuso físico (não incluindo abuso sexual) em suas casas e de violência física fora de casa mais do que as meninas¹³. Um estudo com jovens entre 11 e 17 anos no Rio de Janeiro encontrou que 61% dos meninos contra 47% de meninas haviam sido vítimas de violência em suas casas¹⁴. Homens jovens que experimentaram e assistiram a cenas de violência em suas casas e fora delas podem achar que violência é uma maneira “natural” de resolver conflitos.

Como vemos na fala do personagem do



filme “O Boxeador” – um filme sobre a violência sectária na Irlanda do Norte que mostra homens tentando não ser violentos num contexto de violência, o lugar onde os homens jovens vivem é também um dos principais fatores relacionados à violência. Como já foi mencionado anteriormente, algumas regiões das Américas apresentam níveis mais elevados de violência do que outras regiões: como partes de Colômbia, Brasil, EUA, por exemplo. Meninos que cresceram em lugares de conflito armado que envolviam homens e rapazes estarão mais propensos a usar violência e serem vítimas de violência. Pesquisas com “gângues” no México, na América Central, no Brasil e nos EUA sugerem que estes grupos emergem quando outras instituições sociais – governo, família, organizações comunitárias, escolas – são fracas. **[Veja o Box mais adiante]** Mas devemos lembrar que mesmo em contextos onde a violência prevalece, nem todos os homens jovens são violentos.

O grupo de amigos e colegas com quem os jovens andam é um outro fator importante que contribui para um comportamento violento. Estudos nos EUA apontaram que acompanhar um grupo de delinquentes ou de companheiros violentos é um dos principais fatores associados ao comportamento violento. Porém seria simplista dizer que basta andar com amigos violentos para se tornar um jovem violento. Os jovens procuram outros jovens como eles próprios para serem seus amigos. É mais provável que jovens violentos procurem outros jovens violentos. Mas certamente, a “turma” é um fator que deve ser levado em consideração. É um fato que os rapazes geralmente passam a maior parte do tempo fora de casa na rua ou em outros espaços onde encontram sua turma masculina – cuja relação muitas vezes está baseada na competição e na disputa pelo poder. As meninas por sua vez, em geral são socializadas de forma a estar mais em casa. Ou seja, quando socializamos os meninos mais na rua e as meninas mais em casa, muitas vezes – mas nem sempre – expomos mais os meninos à violência e à falta de proteção da família do que as meninas.

Rapazes que são socializados a perceberem intenções hostis por parte de outros tendem a ser violentos. Estudos nos EUA apontam que

rapazes que têm um comportamento violento percebem as atitudes de outros como violentas, ainda que não sejam¹⁵. Rapazes violentos têm dificuldade com a “inteligência emocional”, isto é, com a habilidade de “ler”, entender e expressar emoções de forma apropriada. Rapazes que usam violência tendem a interpretar equivocadamente atitudes de outros como sendo hostis. Além disso, tendem a justificar a violência responsabilizando os outros e frequentemente desqualificando as vítimas.

Alguns jovens se tornam violentos contra pessoas que eles percebem como diferentes deles – seja por conta de raça ou por orientação sexual. Espancamentos e mortes de gays e de minorias étnicas são, lamentavelmente, ocorrências comuns na América Latina. Muitos desses espancamentos e mortes ocorrem em grupos de rapazes que percebem outras pessoas como tendo um comportamento inaceitável ou sendo diferentes.

Igualmente, jovens que são socializados a ter um senso de honra exagerado tendem a ser mais violentos. Muitos dos casos de homicídios entre homens começaram com brigas ou discussões triviais, geralmente um insulto em bares ou em outros espaços públicos, e que chegam até níveis letais. Manchetes de assassinatos na América Latina freqüentemente repetem estórias sobre brigas que começam com troca de palavras ofensivas num bar ou numa discoteca (muitas vezes acompanhados pelo uso de álcool) e acabam em morte. Em muitas partes das Américas, homens jovens são socializados para usar violência em resposta a um insulto, como se a “honra” fosse mais importante do que a vida.

Em algumas partes da América Latina, o fácil acesso a armas também é parte do problema. Ter acesso a armas não causa violência, mas certamente contribui para torná-la mais letal. Uma briga por conta de um insulto ou por causa de uma garota é mais fácil de se tornar um homicídio quando os envolvidos têm uma arma de fogo ou uma faca. Na maior parte da América Latina, os rapazes são mais propensos a ter acesso a armas. Em alguns contextos, aprender a usar e brincar com armas – principalmente facas e armas de fogo – faz parte da socialização dos meninos.

Gangues, Quadrilhas e Comandos

Em várias partes das Américas, existem grupos organizados de narcotráfico – Colômbia, Brasil, México, os Estados Unidos, entre outros. Em algumas comunidades estes grupos têm chegado a se constituir como um “poder paralelo”, ou seja, como uma instituição comunitária em lugares onde o poder do Estado é fraco ou limitado ante as necessidades que a comunidade demanda. Em alguns locais, os líderes destes grupos chegam a ser vistos como heróis. Neste sentido, os grupos de narcotráfico podem ser fortes “socializadores” dos homens jovens, recrutando-os e convidando-os a participar nas suas atividades. Estes grupos têm nomes diversos – gangues, quadrilhas, comandos.

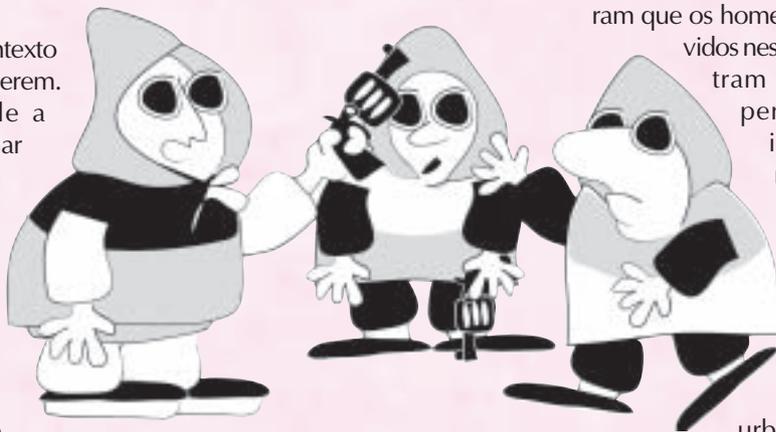
Mas é importante mencionar que nem todo grupo chamado “gangue” ou algo parecido necessariamente está envolvido no narcotráfico ou em atividades ilegais. Esses grupos variam muito de local para local, e é importante entender o contexto em que se inserem. Também, vale a pena mencionar que as pesquisas com rapazes que participam nas gangues ou comandos mostram que não é só pobreza ou a falta de emprego que leva um jovem a participar num grupo organizado de narcotráfico, mas são vários fatores – individuais, da família e do contexto local – que levam um homem jovem a se integrar nesses grupos. Também vale ressaltar que mesmo em comunidades onde as gangues ou comandos são fortes, nem todo homem jovem participa. Geralmente é só uma minoria que se envolve.

Em várias partes da região, houve e ainda há, várias tentativas para erradicação destes grupos,

geralmente via formas de repressão policial. Portanto, diversas experiências na região sugerem que a repressão não tem sido adequada. Experiências mais promissoras para intervir nas gangues ou comandos mostram a importância de oferecer alternativas para os rapazes que participam ou talvez que cheguem a participar nelas: atividades culturais, acesso ao trabalho, oportunidades para ter uma participação comunitária, e espaços para sentirem unidos a outros jovens – desviando o foco da repressão.

Fica claro que para alguns jovens, ser violento é uma forma de definir sua identidade. Para muitos, a adolescência é o tempo da vida para pensar: quem sou eu? Isto significa que pode se definir como um bom aluno, um religioso, um atleta, um trabalhador, um artista, um mago da informática, ou várias outras coisas. Mas também se pode definir como bandido. Pesquisas com jovens que participam nestes grupos violentos nos EUA e no Brasil concluíram que os homens jovens envolvidos nestes grupos encontram um sentido de pertencimento e identidade que não encontraram em nenhum outro lugar¹⁶.

Para muitos jovens de baixa renda em contextos urbanos, excluídos socialmente, pertencer a um grupo violento é uma forma de sobreviver e de achar significado e sentido para suas vidas. Por outro lado, quando os jovens encontram sua identidade em alguma outra coisa, seja como estudantes, pais, companheiros ou maridos, na música, no trabalho, no esporte, na política (dependendo é claro de que tipo de política), na religião (igualmente depende de que tipo de religião) ou ainda na combinação destes – eles geralmente ficam fora de gangues ou grupos violentos¹⁷.



Estar fora da escola é uma causa de violência para os rapazes?

Rapazes que têm um baixo desempenho escolar ou que não se enquadram no contexto da escola ou ainda que se sentem excluídos pela escola tendem a ser mais violentos ou delinquentes. Em áreas urbanas da América Latina, completar o nível secundário é cada vez mais um requisito para entrar no mercado de trabalho. Inúmeros estudos apontam que baixo desempenho escolar, evasão escolar e sentimento de não pertencer à escola estão associados à delinquência e a outras formas de comportamento violento. Em várias áreas da América Latina, o nível de evasão escolar dos meninos é maior que das meninas.

Contudo estar na escola não é suficiente. Para alguns jovens, a escola é um espaço de encontrar e interagir com outros jovens que se utilizam da violência. Outros estudos sugerem que rapazes que são marginalizados ou

A mídia e a violência juvenil

Alguns estudos sugerem que assistir a cenas e imagens violentas na mídia, incluindo vídeos ou jogos de computador pode estar associado à prática de atos violentos, embora não seja possível fazer uma relação direta de causa e efeito¹⁸. Assistir a cenas de violência na TV ou em filmes certamente não causa violência, mas sem dúvida contribui para a crença dos rapazes de que a violência dos homens é normal, até "branda" ou banal. É preciso estimular os jovens a terem uma visão crítica do que é mostrado pela mídia para que não se tornem meros receptores.

excluídos ou ainda tratados como desajustados pela escola são mais propensos a ser violentos. **Em suma, a escola – como uma das mais importantes instituições sociais em que os jovens se inserem – pode ser lugar de encorajar ou de prevenir contra a violência. Devemos procurar engajar os rapazes, mesmo aqueles considerados difíceis, em atividades nas quais aprendam negociação, respeito e habilidades para a vida – seja dentro e fora do sistema escolar.**

Resiliência e a prevenção da violência juvenil

Como podemos explicar que alguns jovens de certos contextos se insiram em atividades violentas como as gangues, e outros, do mesmo contexto, não o façam? Em várias partes da América, existem pesquisas recentes sobre características individuais e familiares de jovens de baixa renda, em situações de alto risco, que foram bem sucedidos na escola e no trabalho, e que não se envolveram em gangues ou outros grupos violentos.

Esses estudos freqüentemente se referem ao conceito de resiliência, que trata da "adaptação bem sucedida a despeito dos riscos e adversidades". Resiliência significa que alguns jovens, mesmo em circunstâncias difíceis, encontram alternativas para superar de maneira positiva os riscos que os circundam. Em um estudo comparativo entre homens jovens no Rio de Janeiro que eram delinquentes juvenis e seus primos e irmãos que não o eram, a autora identificou uma série de fatores protetores que

Violência é só coisa de homens jovens de baixa renda?

É importante afirmar que a violência não se encontra apenas associada a jovens de baixa renda. Certamente existe uma associação entre pobreza e altas taxas de violência. Pobreza em si é uma forma de violência social que gera *stress* e tensão que pode levar a violência, mas a pobreza em si só não é a causa da violência interpessoal. **Jovens de classe média também se envolvem com a violência e, também são socializados para usar a violência como forma de expressar emoções e resolver conflitos. Da mesma forma, encontramos jovens de camadas de baixa renda que não são autores de violência.**

Nas comunidades e famílias de classe média, atos que seriam considerados como violentos em camadas de baixa renda, sequer são registrados como violência e nem fazem parte de dados do sistema legal. É mais provável que um jovem pobre envolvido em uma situação de violência seja confrontado com o sistema judiciário formal – quer dizer polícia,

juízo etc. – do que um jovem de classe média que muitas vezes será levado para uma terapia, por exemplo, em casos de violência familiar ou de delinquência em contextos de classe média¹⁹. O que acaba acontecendo com mais frequência é que os jovens de baixa renda estão mais expostos a receberem punição legal e à repressão policial e repressão extrajudicial do que jovens da classe média.

É importante reconhecer que nenhum dos fatores associados à violência – seja condições familiares, sendo vítimas de violência ou estando fora da escola – significa que necessariamente estes homens jovens serão violentos. Muitos destes jovens enfrentam estes fatores de risco e não são violentos. Embora estes fatores estejam ligados à violência, os jovens também constroem suas realidades – não são meros “receptores” ou vítimas de suas realidades. Nosso desafio é trabalhar com homens jovens para construir realidades pacifistas e não violentas.

favorecem a não-delinquência por parte dos homens jovens. Nesse estudo, os jovens não delinquentes ou resilientes: (1) mostraram maior otimismo em relação aos seus contextos de vida; (2) maior capacidade de expressão verbal; (3) eram os mais velhos ou os caçulas de suas famílias; (4) tinham um temperamento calmo; e (5) apresentavam forte ligação afetiva com seus pais ou professores. De forma semelhante, outra pesquisa no Brasil, com rapazes num bairro onde os comandos tinham forte presença, identificou a importância de modelos alternativos, da habilidade para refletir e

construir significados positivos em face das adversidades e de se ter grupos de pares não violentos como formas de jovens de baixa renda se manterem afastados dos grupos violentos²⁰.

Resiliência é um conceito que nos ajuda a compreender as realidades subjetivas e as diferenças individuais que os jovens apresentam, e que oferece “insights” em como estimular formas positivas de superação de adversidades em contextos particularmente difíceis.



De onde vem a violência dos homens contra as mulheres?

Até agora temos falado principalmente sobre violência entre rapazes, mas qual é a dimensão da violência interpessoal que os homens e homens jovens cometem contra mulheres, ou seja a violência de gênero? **Segundo as Nações Unidas, a violência de gênero se refere a “qualquer ato de violência que resulte, ou possa resultar num dano físico, sexual ou psicológico e sofrimento para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos, coerção ou privações arbitrárias de liberdade, que ocorrem no âmbito público ou privado.”**

A violência de homens contra mulheres é um problema internacional de saúde pública e direitos humanos que merece uma grande atenção. Cerca de 30 estudos no mundo, muitos deles na América Latina, apontam que entre 20 a 50% de mulheres entrevistadas afirmaram que foram vítimas de violência física pelo seu parceiro²¹. Na América Latina, governos e ONGs têm dado atenção – embora não seja suficiente – em proteger as mulheres deste tipo de violência, e iniciaram uma série de programas para as mulheres que foram vítimas de violência doméstica nos últimos 10 anos. Mas pouca atenção tem sido dada em trabalhar com homens jovens e adultos para prevenir a violência contra as mulheres.

Freqüentemente a violência de homens contra as mulheres começa desde a infância e

representa parte da socialização masculina. Estudos com estudantes universitários norte-americanos afirmam que entre 20 e 50% de homens e mulheres relataram que já tinham tido episódio de agressão física durante namoro (ainda que a violência de homens contra as mulheres seja normalmente mais grave). Num projeto de PROMUNDO com homens jovens em comunidades de baixa renda no Brasil, os rapazes relataram inúmeros incidentes com uso de violência em relação às suas parceiras – e alguns incidentes de violência de suas parceiras contra eles. Isto mostra que é necessário trabalhar com os homens jovens sobre suas atitudes frente ao gênero e as formas como constituem relações de intimidade ainda quando são jovens.

Pesquisas de várias partes da América Latina mostram que a violência doméstica, assim como a violência sexual, faz parte dos “scripts” sexuais ou de gênero, nos quais a violência doméstica é justificada pelos homens quando as mulheres quebram as “regras” do jogo – seja por terem relações extraconjugais ou por não cumprirem suas “obrigações domésticas”. Muitos rapazes são socializados a acreditarem que as mulheres e meninas os devem coisas: cuidar da casa, cuidar dos filhos, ou ter relações sexuais com eles, mesmo quando elas não querem. Pesquisas também mostram que os colegas ou amigos às vezes apóiam o rapaz quando ele usa violência contra sua namorada ou parceira. Isto mostra a importância de ajudar os rapazes de analisar criticamente os modelos de relações de gênero que lhes são apresentados.

Os homens são, via de regra, socializados para reprimir suas emoções, sendo a raiva e até a violência física umas das formas socialmente aceitas para que eles expressarem seus sentimentos. Muitos homens não aprendem como se expressar verbalmente de forma adequada para resolver conflitos – seja na casa, seja na rua – mediante o diálogo e a conversa. E assim como no caso da violência entre homens, pesquisas mostram que homens que testemunharam cenas de violência doméstica em suas próprias famílias, ou que foram vítimas de abuso ou violência em casa, são mais prováveis de usar violência contra suas parceiras e crianças – criando um ciclo de violência doméstica.

Para alguns homens, a violência doméstica está frequentemente associada ao *stress* econômico. Alguns homens, quando não se sentem capazes de cumprir seu papel tradicional de provedor, recorrem a violência para reafirmar seu poder tradicional de homem. Ou seja, se sentem “menos homem” por não estarem trabalhando e reagem com violência contra as pessoas que se encontram mais perto. Dados de um hospital de atendimento à mulher vítima de violência doméstica no Rio de Janeiro mostram que 1 em cada 3 parceiros que havia usado violência contra suas companheiras, estava desempregado.

O silêncio dos homens jovens sobre a violência de outros homens também contribui para a violência doméstica. Uma pesquisa feita por PROMUNDO em uma comunidade de baixa renda no Rio de Janeiro aponta que pelo menos a metade de 25 jovens entrevistados foi testemunha de violência em suas casas. A

maioria afirma que não se sentia em condições de falar sobre a violência de homens contra mulheres que viram outros homens cometerem. Com frequência, usam o ditado de que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Eles dizem que se viessem, podiam ser eles as vítimas da violência. Superar o silêncio dos homens que foram testemunhas de atos de violência de outros homens com as mulheres é o ponto de partida do nosso trabalho.

Como se pode prevenir a violência de homens contra mulheres?

A violência dos homens contra as mulheres pode ser prevenida quando os homens começarem a se responsabilizar por este tipo de violência. Existe um grande número de iniciativas em várias partes do mundo, incluindo a região das Américas – que começam a trabalhar com homens na questão da prevenção da violência doméstica. Alguns destes grupos de conscientização acontecem com recrutas militares e policiais, em locais de esporte e em escolas com o objetivo de ampliar a consciência destes homens jovens sobre este tema e de criar uma “pressão positiva” de que este tipo de atitude é inaceitável. Em alguns países da América Latina, algumas ONGs começaram grupos de discussão com homens jovens sobre atos de violência que haviam cometido e prevenir que tais atos aconteçam no futuro. A Campanha do Laço Branco (*White Ribbon Campaign*), iniciada

no Canadá, é uma campanha internacional de conscientização entre homens contra a violência de homens contra mulheres – vencendo o silêncio em relação à violência de outros homens contra as mulheres. A Campanha vem alcançando vários países do mundo, usando o laço branco como um símbolo da garantia masculina em não cometer atos de violência contra as mulheres e não eximir de responsabilidade quem o faça. Nos dois primeiros meses da campanha, 100.000 homens no Canadá usaram o laço branco. A campanha agora partiu para os EUA, Espanha, Noruega, Austrália, Namíbia e Finlândia, e tem inspirado campanhas no México, na Nicarágua e no Brasil. No Módulo 3, apresentamos alguns estudos de caso e exemplos de trabalhos com homens jovens na prevenção de violência contra mulheres.



Muitos estudos confirmam que as meninas são mais vítimas de abuso físico e sexual do que os meninos, mas inúmeros estudos confirmam que os meninos também sofrem de abuso sexual. Um estudo recente nos EUA mostrou que 3,4 % de meninos e 13% de meninas tiveram alguma experiência de violência sexual – ou seja, contato sexual ou relações sexuais contra sua vontade²³. Num estudo com jovens entre 16 e 18 anos no Caribe, 16% dos rapazes disseram que foram abusados sexualmente²⁴. Num estudo na Nicarágua, 27% das mulheres e 19% dos homens relataram ter sido vítimas de abuso sexual na infância ou adolescência²⁵. Um outro estudo realizado no Peru mostrou que um entre cada dez jovens dos dois últimos anos do ensino secundário havia sido vítima de abuso sexual em algum momento de suas vidas e a proporção era de duas mulheres para cada homem violentado²⁶.

Dentre as várias implicações que têm ser vítima de violência doméstica ou sexual, ambas, violência doméstica e sexual, representam um problema de saúde sexual e reprodutiva. Estudos comparativos sobre violência sexual na adolescência na África do Sul, no Brasil e nos EUA, revelam que a coerção sexual e a violência nas relações íntimas estão associadas ao baixo uso de preservativo. Pesquisas com mulheres hispânicas nos EUA apontam que as mulheres que foram vítimas de violência doméstica são menos propensas a se sentirem seguras para negociar o uso do preservativo ou de outro tipo de contraceptivo.

Que sabemos sobre a violência sexual de homens jovens contra mulheres?

Como vimos anteriormente, a violência sexual também faz parte de violência de gênero. Vemos também por meio de várias pesquisas que alguns rapazes são socializados acreditando que as mulheres devem sexo a eles, ou que usar a força ou coerção para obter sexo é normal nas relações de intimidade. Um estudo de 1992 com adolescentes norte-americanos entre 15 e 18 anos, apontou que 4,8% dos meninos, comparados com 1,3 % das meninas haviam forçado alguém a ter relações sexuais pelo menos uma vez²². Estudos também mostram uma forte conexão entre homens jovens terem sido vítimas de abuso, incluindo abuso sexual, em casa ou em consequência de uma violência sexual e o uso da violência sexual em momentos posteriores da vida.

O que concluímos

As pesquisas apresentadas na seção anterior, e a própria experiência do PROMUNDO como uma ONG que atua diretamente com jovens na área de prevenção da violência, apresentam um número de sugestões que devemos ter em mente quando trabalhamos a questão da prevenção da violência com homens jovens, várias das quais incluímos no Módulo 3. As pesquisas citadas aqui sobre homens jovens e violência servem para questionar a tendência de seguir na direção da punição e repressão quando se trata de prevenção de violência. Em muitos casos, as políticas e o planejamento de programas têm optado por entradas punitivas como forma de prevenção de violência. A saúde pública por vezes tem simplificado questões, não levando em conta a experiência subjetiva dos jovens, ou seja, que nem todo jovem reage da mesma forma nas mesmas circunstâncias, ou que nem todo homem jovem que foi vítima de violência irá se tornar violento. As pesquisas apresentadas neste módulo procuraram levar em consideração uma perspectiva do desenvolvimento humano e da ecologia humana em relação à prevenção de violência, uma entrada que leva em conta os desafios e riscos do desenvolvimento, o contexto e suporte social e familiar, a experiência subjetiva individual de cada jovem e os papéis de gênero na socialização.

Finalmente, no tocante à violência, devemos encorajar os homens jovens a refletirem sobre a violência, não somente do ponto de vista interpessoal, ou seja, a violência entre indivíduos, mas também a violência estrutural. Como facilitadores, devemos ter o cuidado de não emitir mensagens do tipo “a violência é o comportamento deles” e, portanto, sua culpa. A violência é complexa e tem múltiplas causas e manifestações. Nós não devemos culpá-los e sim ajudá-los a compreender esta complexidade.

Em suma

As causas e fatores associados à violência dos homens jovens contra outros jovens e contra as mulheres são múltiplos e interconectados. Um ponto importante é que temos uma quantidade enorme de pesquisas sobre violência e jovens. O desafio está em usar esta informação para criar mecanismos fortes e sustentáveis para promover a paz entre os jovens (rapazes e meninas), construindo e apoiando versões de masculinidade que incluam a paz e o respeito e não a violência. No módulo 2, tentamos incluir os resultados destas pesquisas para construir o conjunto de dinâmicas apresentadas.

- 1 McAlister, A. (1998). *La violencia juvenil en las Americas: Estudios innovadores de investigación, diagnóstico y prevención*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud.
- 2 World Bank. (1997). "Crime and violence as development issues in Latin America and the Caribbean." Paper prepared for the Conference on Urban Crime and Violence, Rio de Janeiro, Brazil, March 2-4, 1997.
- 3 Banco Interamericano de Desenvolvimento (1999). Citado em Fontes, M., May, R., Santos, S. (1999) *Construindo o Ciclo da Paz*. Brasília, Brasil: Instituto PROMUNDO.
- 4 World Bank. (1997). "Crime and violence as development issues in Latin America and the Caribbean." Paper prepared for the Conference on Urban Crime and Violence, Rio de Janeiro, Brazil, March 2-4, 1997.
- 5 McAlister, A. (1998). *La violencia juvenil en las Americas: Estudios innovadores de investigación, diagnóstico y prevención*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud.
- 6 U.S. Department of Health and Human Services. (1991). Vol 2, Part A "Mortality" Page 51. Tables 1-9. "Death Rates for 72 Selected Caused by 5-Year Age groups, Race and Sex, U.S. 1988." Washington, DC: Author.
- 7 Minayo, C., Assis, S., Souza, E., Njaine, K. Deslandes, S. Et al (1999). *Fala galera: Juventude, violência e cidadania na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UNESCO.
- 8 Ruzany, M., Peres, E., Asmus, C., Mathias, C., Linhales, S., Meireles, Z., Barros, C., Castro, D. & Cromack, L. (1996). *Urban violence and social participation: A profile of adolescents in Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Adolescent Health Unit, State University of Rio de Janeiro. [Relatório de pesquisa não publicado]
- 9 U.S. Department of Justice (1997). *The Prevalence and Consequences of Child Victimization*. NIJ Reserch Preveiw. Washington, DC: National Institutes of Justice.
- 10 Miedzian, M. (1991). *Boys will be boys: Breaking the link between masculinity and violence*. New York: Anchor Books, e Earls, F. (1991). A developmental approach to understanding and controlling violence. In H. Fitzgerald, et al, Eds., *Theory and Research in Behavioral Pediatrics*, Vol. 5. New York: Plenum Press.
- 11 Stormont-Spurgin, M. & Zentall, S. (1995). *Contributing factors in the manifestation of aggression in preschoolers with hyperactivity*. *J. Child Psychol. Psychiat.* Vol. 36, No. 3, pp. 491-509.
- 12 U.S. Department of Justice (1997). *The Prevalence and Consequences of Child Victimization*. NIJ Reserch Preveiw. Washington, DC: National Institutes of Justice.
- 13 Blum, R. & Rinehart, P. (1997). *Reducing the risk: Connections that make a difference in the lives of youth*. Bethesda, Maryland: Add Health.
- 14 UNICEF. (1998). *Knowledge, attitudes and practices of basic life skills among Jordanian parents and youth: A national study (draft)*. Amman, Jordan: Author.
- 15 Assis, S. (1999). *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: A vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Fiocruz.
- 16 McAlister, A. (1998). *La violencia juvenil en las Americas: Estudios innovadores de investigación, diagnóstico y prevención*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud.
- 17 Barker, G. & Loewenstein, I. (1997). "Where the boys are: Attitudes related to masculinity, fatherhood and violence toward women among low income adolescent and young adult males in Rio de Janeiro, Brazil". *Youth and Society*, 29/2, 166-196.
- 18 Barker, 2000. *Gender equitable boys in a gender inequitable world: Reflections from qualitative research and programme development in Rio de Janeiro*. *Sexual and Relationship Therapy*, 15/3, 263-282.
- 19 McAlister, A. (1998). *La violencia juvenil en las Americas: Estudios innovadores de investigación, diagnóstico y prevención*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud.
- 20 Hawkins, D. (1996). *Ethnicity, Race, Class and Adolescent Violence*. Boulder, Colorado: Center for the Study and Prevention of Violence, Institute for Behavioral Sciences, University of Colorado, Boulder.
- 21 Barker, G. (2001). *Peace boys in a war zone: identity and coping among adolescent men in favela, Rio de Janeiro, Brazil* [Doctoral dissertation, Erikson Institute, Chicago, USA]
- 22 Heise, L. (1994). *Gender-based abuse: The global epidemic*. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro 10 (Supl. 1). 1994. 135-145.
- 23 American Academy of Pediatrics (1997). *Study reveals factors that prevent teens from sexually aggressive behavior*. Chicago, Il: Author.
- 24 U.S. Department of Justice (1997). *The Prevalence and Consequences of Child Victimization*. NIJ Reserch Preveiw. Washington, DC: National Institutes of Justice.
- 25 Lundgren, R. (1999). *Research protocols to study sexual and reproductive health of male adolescents and young adults in Latin America*. Prepared for Division of Health Promotion and Protection, Family Health and Population Program, Pan American Health Organization, Washington, D.C.
- 26 FOCUS on Young Adults (1998). *Sexual abuse and young adult reproductive health*. In *In Focus*. September 1998. Pp 1-4. Washington, DC: FOCUS.
- 27 Sebastiani, Segil et al (1996). *Que saben, que hacen, que sienten los y las adolescentes de Lima sobre su sexualidad*. INPPARES, Peru.



Módulo 2



Como

Como trabalhar a prevenção de violência com homens jovens.



Sexualidade

projeto

▼ OBJETIVO

Este módulo apresenta uma série de atividades em grupo, preparadas e testadas em campo, para ser aplicadas em grupos de homens jovens sobre o tema de prevenção de violência e promoção da paz. Essas atividades, na medida do possível, levaram em consideração as pesquisas sobre violência e homens jovens e os fatores associados à violência mencionados no Módulo 1. Contudo, ainda que a participação em atividades

de reflexão em grupo seja útil, não é necessariamente suficiente para mudar o comportamento dos jovens. No entanto, percebemos na prática que essas atividades servem para facilitar mudanças de atitudes dos jovens a curto prazo. Assim sendo, recomendamos o uso dessas atividades como parte de um programa mais amplo e integrado de prevenção de violência e promoção da paz que inclua as famílias, as comunidades, a escola, a equipe das organizações para jovens, a mídia, os formadores de políticas públicas, e claro, os próprios jovens.

Esta técnica apresenta uma metodologia para facilitar e incentivar o respeito na comunicação dentro do grupo, utilizando um bastão tradicional ou bastão de mando.



TÉCNICA 1

O Bastão Falante

Objetivo: Promover uma comunicação e diálogo baseado em respeito entre os jovens.

Materiais necessários: Um pedaço de pau, preferencialmente madeira trabalhada ou cerimonial.

Tempo recomendado: Uma hora.

Dicas/notas para planejamento: Em muitos países da América Latina, é possível encontrar um bastão (ou borduna) usado em cerimônias por grupos indígenas. Se não for possível encontrá-lo, improvise-se um. Pode-se usar um pedaço de cano, um taco de beisebol, um rolo de macarrão, ou um bastão feito de madeira ou metal. Mesmo um cabo de vassoura pode servir. Ainda que seja interessante ter um bastão indígena (ou

borduna) usado em cerimônias (que foi a origem desta técnica), o mais importante é o significado que o grupo dará ao bastão. O grupo pode também criar seu próprio bastão, escrevendo seus nomes ou o nome do grupo ou pintá-lo. Essa técnica é boa para iniciar o processo, porque também pode ser usada para criar regras para o funcionamento do grupo. Enquanto estão falando sobre as regras do ritual do bastão, pode-se perguntar para o grupo se há outras regras de convivência ou de funcionamento do grupo que eles gostariam de incluir.

Em alguns grupos pode parecer que essa técnica seja rígida e que só serve para uma sessão. Em outros grupos, pode ser interessante sua utilização para as técnicas seguintes ou voltar a ela de vez em quando.



A história do bastão falante

A idéia do bastão falante começou com grupos indígenas norte-americanos que o usavam em cerimônias como uma espécie de cetro. Às vezes, grupos de homens da tribo sentavam em círculo ao final do dia para discutir desentendimentos ocorridos ou para os índios mais velhos passarem informações e tradições orais para os mais novos. O bastão falante representava o poder do chefe, cacique ou do líder. Quando ele tomava o bastão, era um sinal de que os outros deveriam ficar quietos e escutar suas palavras. Quando um outro homem queria a palavra, ele pedia permissão para segurar o bastão, e então era reconhecido pelos demais como tendo o direito de falar naquele momento. Simbolicamente, passar o bastão adiante significa passar o poder e o direito de ser ouvido também pelos outros membros da tribo.

Em muitos casos, o bastão também pode ser usado como uma arma. É um pedaço de madeira ou uma **clava pesada**¹ que também pode ser usado para defender alguém ou atacar uma pessoa ou animal. A pessoa que segura o bastão tem em suas mãos uma arma em potencial. O relacionamento e as discussões entre as pessoas têm um sentido semelhante: com nossas palavras e nosso corpo podemos construir relações baseadas no respeito ou podemos agredir alguém. A mesma habilidade de falar e nos expressar pode trazer as pessoas para perto ou pode também produzir insultos. A mesma mão que pode afagar outra pessoa ou dar um abraço também pode bater. O bastão falante pode ser usado pelo grupo como um símbolo de cooperação ou como uma arma.

O objetivo do bastão falante é promover o entendimento e diálogo, distribuindo o poder entre todos. Cada membro do grupo tem o direito de pedir o bastão, e deve respeitar a pessoa que está de posse dele, esperando que ela acabe de falar. E cada um que segura o bastão deve abrir mão dele também.

Essa técnica foi utilizada inicialmente com um grupo de homens jovens na periferia do Rio de Janeiro. Os rapazes não tinham o hábito de esperar a sua vez para falar, e pouco respeitavam a fala do outro, seja adulto ou um amigo jovem. A conversa ou discussão entre eles, às vezes chegava a ameaças de uso de força ainda que leves, a críticas e risos sobre a fala dos demais. Com o uso da técnica do bastão falante, vimos uma clara mudança de atitudes nas reuniões de grupo. Começaram a escutar os outros e os próprios jovens começavam a cobrar entre eles o uso do bastão e o cumprimento das regras. Depois de algum tempo (mais de seis meses) paramos de usar o bastão porque a prática do diálogo já tinha sido incorporada pelo grupo.

¹ Talvez seja bom incluir aqui uma explicação, por exemplo: É como o cetro utilizado por Reis, mas de madeira, ou as madeiras utilizadas para fazer ginástica, ou as madeiras utilizadas pelos malabaristas para fazer seu espetáculo.



LINK

Esta técnica pode ser útil para todos os outros manuais nesta série. Ela procura introduzir um estilo de diálogo – de escutar o outro e respeitar a fala do outro – que é necessária para todas as técnicas.

Procedimento

- 1- Pedir ao grupo que se sente em círculo.
- 2- Segurando o bastão na sua frente, contar a história do bastão falante para o grupo.
- 3- Passar o bastão em torno de todo o grupo, mostrando que todos têm a chance de tê-lo nas mãos.
- 4- Quando o bastão retornar a você, pedir ao grupo que fale sobre o que pensam sobre o uso do bastão como uma forma de começar a discussão. Use esta pergunta como uma oportunidade de introduzir o ritual do bastão falante. Os participantes que quiserem falar devem dirigir-se a você para pedir o bastão, e então, o próximo participante deve se dirigir a quem tem o bastão no momento para pedi-lo e assim por diante. Como facilitador do grupo, o bastão não deve retornar a você a cada vez. Ele deve ser passado diretamente entre os membros do grupo, permitindo que eles mesmos controlem a discussão. Quando o facilitador quiser falar, deve pedir a vez a quem estiver com o bastão.
- 5- Explicar ao grupo que você irá ler uma série de casos ou histórias para discutir no grupo. Usando o bastão, pedir aos membros do grupo que discutam cada caso, colocando suas opiniões. Se os participantes quiserem falar sem pedir o bastão antes, reforçar as regras do ritual.
- 6- Se o tempo permitir, e dependendo do grupo e do facilitador, discuta casos adicionais da mesma forma.
- 7- Discuta as questões a seguir.

Perguntas para discussão

-  Como o uso do bastão falante afeta você na discussão desses temas?
-  Como se sente quando está segurando o bastão, ou quando mais alguém pede o direito de falar?
-  Quando você está num grupo de amigos, como é que as discussões acontecem?
-  Quando estamos discutindo um determinado tema ou um caso no grupo, todos devem concordar?
-  Qual a diferença entre consenso e unanimidade? É possível chegar a um consenso mesmo quando nem todo mundo concorda com a decisão ou opinião final?
-  Por que às vezes não queremos falar no grupo?
-  Pensando nos exemplos desses casos relatados, o que é violência? Existe uma definição clara ou simples?



FECHAMENTO

Pergunte ao grupo se eles querem continuar usando o bastão falante em outras técnicas. Você pode também perguntar ao grupo se eles querem responsabilizar-se pela guarda do bastão falante entre as sessões.



Exemplos de violência para discussão

No Brasil, existe um movimento político chamado de Movimento dos Sem Teto, que representa pessoas sem renda e que não têm nem terra, nem casas. Periodicamente eles organizam invasões de terras, e, nas áreas urbanas, organizam protestos chamando atenção para as necessidades das famílias de baixa renda e para a desigualdade da distribuição de renda no Brasil. No Rio de Janeiro, recentemente, umas 50 pessoas do grupo entraram num hipermercado e começaram a encher os carrinhos com vários produtos. Os consumidores que estavam no mercado, assustados, começaram a sair. A equipe de funcionários do mercado não sabia o que fazer. O grupo que organizou o protesto, todos de baixa renda sem casa, chegou até as caixas registradoras e tentou pagar com um cheque chamado "cheque miséria", um cheque simbólico que não tinha nenhum valor em reais, mas que representava milhões de dólares de um desvio de dinheiro do governo por conta de corrupção. O que você pensa sobre a tática deste grupo? Se você fosse o gerente deste mercado, o que você faria?

Você está dançando com um grupo de amigos. Quando vocês estavam prestes a sair, você vê um casal (um rapaz e uma moça, aparentemente namorados) discutindo na porta de saída. Ele a chama de vaca, e pergunta por que ela estava flertando com aquele cara. Ela diz que: "Eu não estava olhando para ele ... e mesmo que estivesse, eu não estou com você?". Ele grita com ela de novo. Finalmente ela diz: "Eu não sou propriedade sua". Ele bate nela e ela cai. Ela grita com ele, dizendo que ele não tinha direito de fazer isto. O que você faria? Iria embora? Diria alguma coisa? Seria diferente se fosse um rapaz batendo em outro rapaz?

William convidou Susana para passearem uma tarde. Eles conversaram um pouco, lancharam, e William a convidou para ir a um motel, dizendo que ele tinha dinheiro para passarem algumas horas lá. Susana disse que sim. Eles foram para o motel e começaram a se beijar. William começou a tirar a sua roupa. Então Susana disse a ele que não queria transar. William ficou transtornado. Disse a ela que havia gastado muito dinheiro para estarem ali, e disse: "O que é que os meus amigos vão dizer?" Ele queria forçar uma barra para convencê-la. O que você pensa que ele deveria fazer? O que você pensa que ela deveria fazer?

Pedro teve um dia difícil na escola. Sua mãe está brava com ele por conta das suas notas e disse que ele não poderia sair esta noite. Na aula, ele não soube responder uma pergunta que a professora lhe fez. No pátio, depois da aula, Sandra, uma garota da turma de Pedro, ri dele por que ele não soube responder uma pergunta tão fácil. "Era muito fácil. Você é realmente tão estúpido assim?" Pedro diz para ela se calar e a empurra contra a parede. Sandra fica zangada e diz: "Se você me tocar de novo, você vai ver...". Pedro responde: "Quem vai ver é você". Ele lhe dá um tapa, vira as costas e vai embora. Sandra conta para Luis, seu irmão mais velho, o que aconteceu. Luiz encontra Pedro no fim do dia. O que ele (Pedro) deve fazer? O que Luiz deve fazer?

Esta técnica consiste em falar abertamente sobre a violência que sofremos e praticamos.

TÉCNICA 2

O Varal da Violência

objetvo: Identificar as formas violência que praticamos ou que são cometidas contra nós.

Materiais necessários: Barbante para o varal. Fita. Três pedaços de papel (tamanho A4 ou equivalente) para cada participante. Prendedores.

Tempo recomendado: Uma hora e meia.

Dicas/notas para planejamento: Quando se fala em violência, pensa-se muito em agressão física. É importante discutir outras formas de violência que não só a violência física. Também é importante ajudar os jovens a pensar nos atos de violência que cometemos, já que muitas vezes pensamos nos outros como violentos, mas nunca em nós mesmos. Com o uso dessa técnica, vimos que para os jovens com os quais trabalhamos era mais fácil falar sobre violências que tinham sofrido. Relatar atos de violência - especialmente os que aconteceram fora de suas casas - era fácil. Até percebemos que eles sentiram um certo alívio em poder relatar estas experiências e que sobreviveram a elas. Comentar ou contar violências cometidas contra eles dentro de suas casas foi mais delicado. Alguns comentaram sobre a violência em casa, mas não queriam falar sobre detalhes, e não insisti-

mos. Falar sobre violência que eles tinham cometido, foi mais difícil ainda. Primeiro, porque sempre queriam justificar-se, colocando a culpa no outro como sendo o agressor. Esta técnica forneceu conteúdo para duas sessões de trabalho. Caso sinta que os participantes não estão à vontade em se expor, pense em alternativas que exigem menos exposição.

Como mencionado no Módulo 1, ser vítima de violência interpessoal está associado a cometer atos de violência mais tarde. Ajudar os jovens a compreender esta conexão, e pensar sobre a dor que a violência causou neles, é uma forma potencial de interromper o ciclo da violência de vítima para o agressor. Se algum jovem relatar estar sofrendo algum tipo de violência ou ter sofrido recentemente algum tipo de abuso - incluindo abuso sexual ou abuso físico sistemático em sua casa - e tiver menos de 18 anos de idade, em alguns países, o facilitador é obrigado a denunciar o fato às autoridades de proteção à infância e adolescência. Antes de executar qualquer tarefa desse manual, o facilitador deve procurar os responsáveis pela sua organização para esclarecer sobre os aspectos éticos e legais de seu país no que se refere a maltrato e violência contra jovens com menos de 18 anos.

Procedimento

1- Explicar que a proposta é falar sobre a violência que praticamos, aquela praticada contra nós, e conversar sobre nossos sentimentos em relação a isto.

2- Explicar que colocaremos 4 varais e que todos os participantes deverão escrever algumas poucas palavras nas folhas de papel e prendê-las no varal.

3- Dar a cada participante 4 folhas de papel (tamanho A4).

4- Colocar em cada varal os seguintes títulos:

- ✎ Violências praticadas contra mim
- ✎ Violências que eu pratico
- ✎ Como eu sinto quando pratico violência
- ✎ Como eu sinto quando violência é praticada contra mim

5. Pedir a cada participante para pensar um pouco e escrever em poucas palavras uma resposta para cada item. Cada um deve escrever pelo menos uma resposta para cada um dos varais (ou categorias). Dar cerca de 10 minutos para esta tarefa. Explicar a eles que não devem escrever muito, e sim, poucas palavras ou uma frase, e colocar no varal correspondente.

6. Pedir aos participantes, um a um, para colocar no varal correspondente, lendo sua resposta para o grupo. Eles podem dar outras explicações que se façam necessárias e os outros participantes poderão fazer perguntas sobre sua resposta.

7. Depois de cada um ter colocado suas respostas no varal, discutir as questões a seguir, usando o bastão falante caso deseje.

FECHAMENTO

Perguntar ao grupo como foi para eles falar sobre a violência que experimentaram. Se ninguém do grupo mostrar necessidade de uma atenção especial por conta de uma violência que sofreu, o facilitador pode considerar que os recursos de ajuda que o jovem teve supriu esta demanda.

Perguntas para discussão

- ✎ Qual é o tipo mais comum de violência que se comete contra nós?
- ✎ Como cada um se sente em ser vítima deste tipo de violência?
- ✎ Que tipo de violência é mais comum cometermos contra os outros?
- ✎ Como sabemos se de fato cometemos violência contra alguém?
- ✎ Existe alguma conexão entre a violência que praticamos e a violência de que somos vítimas?
- ✎ Como nos sentimos quando praticamos violência?
- ✎ Existe alguma violência que seja pior do que outra?
- ✎ Geralmente, quando somos violentos ou quando sofremos violência, nós falamos sobre isso? Denunciamos? Falamos sobre como nos sentimos? Se não, por quê?
- ✎ Alguns pesquisadores dizem que a violência é como um ciclo, ou seja, quem é vítima de violência é mais provável que cometa atos de violência depois. Se isto está correto, como podemos interromper este ciclo da violência?



LINK

Alguns jovens podem sentir que querem fazer alguma coisa contra a violência a sua volta, depois de participar nesta técnica. Referir-se ou utilizar-se de outras técnicas, particularmente as técnicas 4 e 11, que procuram fazer isto.



Esta técnica discute a relação entre a noção de honra masculina e atos de violência, apresentando a história da honra masculina e casos para serem discutidos em grupo.

● TÉCNICA 3

Otário Vivo ou Valente Morto: A Honra Masculina

Objetivo: Discutir como a suposta "honra" masculina está associada à violência e como podemos pensar em alternativas à violência quando nos sentimos insultados.

Materiais necessários: Espaço para trabalhar e criatividade. Folha de recurso em anexo.

Tempo recomendado: Duas horas (ou duas sessões de uma hora cada).

Dicas/notas para planejamento: Alguns grupos têm dificuldade de construir uma história ou em escolher os atores para uma dramatização. É importante que o facilitador esteja atento e ofereça um clima propício

para que se possa avançar, reforçando que eles não precisam ser "atores de verdade" e que não precisam se preocupar em ter uma peça ou história bem elaborada. Como foi discutido anteriormente no Módulo 1, um dos fatores associados à violência entre jovens é a questão dos insultos e da honra. Pesquisas sugerem que muitas das mortes entre homens jovens começam com discussões verbais - seja sobre jogo de futebol, com a namorada ou um insulto - e escalam desde uma troca de socos, chegando a um homicídio. Outras pesquisas sugerem que os jovens são mais propensos a usar violência quando atribuem atitudes hostis em relação a outros jovens. Essa atividade procura ajudar os jovens a entender porque eles, às vezes agem dessa forma; como estas atitudes podem ser causa de episódios de violência; e como é possível modificá-las.

Procedimento

- 1- Dividir os participantes em 2 ou 4 grupos de 5 a 6 membros, conforme do número total de participantes. Explicar que eles deverão criar e apresentar uma pequena história sobre a troca de insultos entre rapazes.
- 2- Uma vez que os grupos já estejam formados, entregar a cada grupo uma folha de papel com uma das seguintes frases:

Márcio e Fábio discutiram no intervalo das aulas por causa de um trabalho da escola. Márcio disse que o esperaria lá fora para resolverem. Na saída da escola....

Um grupo de amigos estava num jogo de futebol. Eles eram torcedores do mesmo time. Uma briga começou quando um outro jovem do time adversário chegou e

Um grupo de amigos estava num bar. Começou uma briga entre um dos jovens e um estranho (outro jovem) quando...

Um grupo de amigos saiu para dançar. Um deles, Leo, viu que um cara estava olhando para sua namorada. A briga começou quando Leo...

Samuel estava parado no trânsito em seu carro. Quando ele quis virar à direita, um outro carro veio da esquerda e o cortou, forçando-o a parar bruscamente. Samuel decidiu que...

- 3- Explicar que o trabalho consiste em montar uma pequena história a partir do que está escrito na folha entregue a cada grupo. A peça deve ter entre 3 e 5 minutos. Explicar que eles podem acrescentar os detalhes que quiserem.
- 4- Dar aos participantes cerca de 20 minutos para discutirem entre si e montar a peça.
- 5- Pedir aos grupos para fazerem suas apresentações. Após cada uma, abra espaço para discussão e comentários.
- 6- Discutir as questões abaixo.
- 7- A seguir, leia e discuta a "Folha de Recurso: De onde vem a 'Honra masculina?'"

Perguntas para discussão

- Estas situações são realistas?
- Por que às vezes reagimos desta maneira?
- Quando você se vê diante de uma situação semelhante, em que foi insultado, como você normalmente reage?
- Como você pode reduzir a tensão ou agressão numa situação como essas?
- Homem pode fugir de uma briga?



FECHEAMENTO

A Folha de Recurso a seguir pode servir para ajudar os jovens a refletir sobre onde vem o conceito de "honra masculina", ou seja, o contexto histórico e cultural. Muitos homens acham que este tipo de atitude ante um insulto é "natural" e universal. Usando a Folha de Recurso, o facilitador pode ajudar a desconstruir ou questionar este tipo de comportamento masculino.

Folha de Recurso

De onde vem a “honra” masculina?

Em muitas culturas, manter um nome, a honra e o orgulho é muito importantes, às vezes até de forma exagerada. Alguns pesquisadores sugerem que a “cultura da honra” em algumas regiões das Américas se encontra relacionada com as regiões de fronteira. Na parte rural do México, em partes da América do Sul e partes do sul dos EUA, alguns homens herdaram animais e terras em regiões cujos limites e fronteiras não estavam bem definidas. Não havia sistema judicial ou polícia por perto. (É comum nos filmes de faroeste haver disputas de terras em que o xerife chegava um dia ou dois depois do conflito iniciado). Para sobreviver, os homens acreditavam que eles mesmos deviam defender seus interesses. Nestes contextos, era preciso que os homens fossem vistos pelos outros como alguém com quem “ninguém devia se meter”. Ser visto como um homem agressivo e até mesmo perigoso, significava que ninguém perturbaria.

Para alguns jovens em gangues ou mesmo em contextos violentos urbanos, esse tipo de idéia permanece. Fazer um nome de durão, ainda que fora de controle, é uma forma de defesa. Se você pensa que um rapaz é durão, que talvez ele tenha uma arma, ele pode dizer qualquer coisa que eu o deixo partir sem incomodá-lo. Em algumas áreas urbanas da América Latina, alguns jovens sabem da importância de manter uma reputação como essa – o que significa que eles serão respeitados, e não serão importunados pelos demais.

A “cultura da honra” também está presente na América Latina sob a forma de “machismo”, que tem origem na colonização européia e na

dominação masculina presente em alguns grupos étnicos na região. O machismo vem em parte da região mediterrânea da Europa, e está associada à imagem de durão, de ter muitas parceiras (amantes ou mulheres) e de proteger sua ‘honra’, e a um desejo de enfrentar o perigo, muitas vezes na forma de disputa, de duelo. Sob a ótica do machismo, os homens são “predadores sexuais”, e as mulheres “puras e inocentes”. De acordo com a cultura machista, o comportamento apropriado para uma mulher é ficar em casa, enquanto o homem demonstra sua virilidade com um maior número de conquistas sexuais e com um maior número de filhos. Assim, para o machismo um “homem de verdade” é aquele que protege a “honra” das mulheres de sua família – sua esposa, irmãs, mãe. Elas devem ser “puras” e, nenhuma questão sobre suas vida sexual e sua honra deve ser levantada sem que haja uma briga. Um homem, num bar, que quer brigar com outro, basta, simplesmente, dirigir o olhar para a namorada deste, e a cena de anos de tradição se repete. O mesmo ocorre, se ele tiver dito alguma coisa sobre a mãe ou irmã do outro.

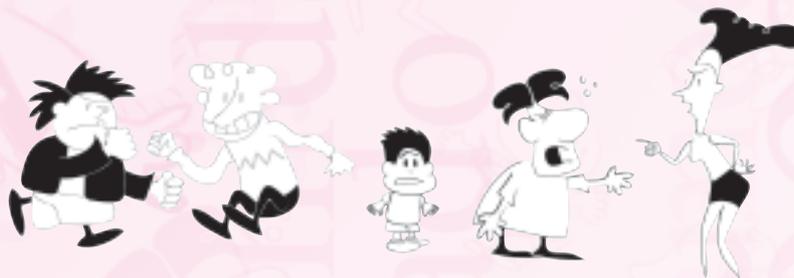
Devemos pensar que a “honra masculina” faz parte de nossa cultura. Quantas vezes não vemos grupos de homens trocando insultos? Quantos destes insultos têm a ver com conquistas sexuais? Quantas piadas e histórias de insultos se relacionam com supostas conquistas sexuais? Pense em quantas expressões nós temos para “manchar” a reputação da mãe do outro. Será uma simples coincidência que para chamarmos a atenção de outro homem dizemos: “filho da puta” ou “foder sua mãe”? Isto é o pior insulto que um “homem de verdade”, segundo o machismo, pode-se defrontar – alguém duvidando da honra e pureza de sua mãe.

Perguntas para discussão

- O que significa machismo para nós?
- O machismo ainda existe? A “cultura da honra” ainda se mantém?
- Que podemos fazer para mudar esta “cultura da honra”?
- Sabendo de onde vem a honra masculina, isso nos ajuda a mudar?



Esta técnica tem um "dever de casa" que consiste em observar e anotar exemplos de violência do dia-a-dia que nos cerca.



TÉCNICA 4

A Violência à Minha Volta

Objetivo: Discutir de forma crítica a violência que vemos na vida cotidiana, incluindo aquela que acontece na rua, em nossas casas, na escola, no lugar de trabalho, e na mídia².

Materiais necessários: Um caderno para cada participante.

Tempo recomendado: Uma hora para a técnica em grupo. Uma semana para fazer o "trabalho de campo".

Dicas/notas para planejamento: Essa técnica é para ser usada como "dever de casa". Os participantes vão manter um "diário de campo" durante uma semana sobre formas de violência que eles vêem na sua vida cotidiana, seja na rua, em casa, na escola, no lugar de trabalho, na mídia e em outros lugares. Este diário é um pequeno caderno onde o participante deve registrar o que viu, o que sentiu, o que pensou ou pode fazer diante de uma situação de violência. O facilitador deveria apresentar esta técnica uma semana antes do dia da apresentação dos resultados, explicando aos participantes o objetivo e entregando

um caderno a cada um, para seu "diário de campo". Em contraste com "O Varal da Violência", essa técnica trata de chamar a atenção para as pequenas violências que observamos no dia-a-dia, particularmente imagens de violência de que muitas vezes nem nos damos conta. Tente encontrar com os participantes exemplos de imagens e atos de violência que vemos no dia-a-dia para dar algumas dicas sobre o que eles podem observar e anotar em seus "diários de campo".

Essa técnica tem por objetivo produzir uma reflexão crítica sobre as imagens veiculadas e as violências - pequenas e grandes - que testemunhamos, percebendo-as de forma crítica naquilo que se apresenta de maneira explícita ou sutil. Serve também para reconhecer o que o jovem percebe como violência - alguns hábitos e atitudes já se encontram de tal modo incorporados que nem se percebem "as pequenas violências de cada dia". Saímos do campo da agressão física, da coerção que intimida, que são exemplos mais óbvios, para outras demonstrações mais sutis de violência interpessoal, intergrupala ou institucional.

² Essa técnica foi inspirada e baseada no vídeo, "Artigo 2º" produzido pela ECOS.

Procedimento

1- Uma semana antes, explicar para os jovens que eles vão fazer um “diário de campo” sobre a violência que eles vêem a sua volta. Explicar que a idéia do “diário” é que eles anatem atos de violência ou imagens violentas que eles observam ao seu redor durante uma semana. Sugerir que eles observem nas suas escolas, em casa, na rua, nos locais de trabalho, na comunidade, na mídia (quer dizer na televisão, revistas, jornais etc.) e nos outros lugares que freqüentam. O grau de detalhe do diário depende deles. Podem escrever umas poucas palavras, umas frases ou sentimentos e pensamentos que tiverem sobre a violência observada.

2- Perguntar para o grupo se ficou claro o propósito da técnica e entregar os “diários de campo”. Pedir ao grupo para pensar em algumas formas de violência ou imagens de violência de que eles se lembram ter visto a sua volta. Pode-se acrescentar

sugestões para os participantes como um formato para o diário, por exemplo: (1) o que vi?; (2) o que senti ante esta violência?; (3) o que posso fazer?

3- Na semana seguinte, perguntar aos participantes como foi fazer o diário e se de fato observaram violência e imagens de violência.

4- Dividir os participantes em grupos menores de 4-5 participantes e pedir que nestes grupos, apresentem seus diários, falando para o grupo sobre as imagens e atos de violência que viram.

5- Ao formar os grupos, pedir que cada grupo identifique um relator que vai apresentar aos demais as conclusões do seu grupo.

6- Dar um tempo entre 20 e 30 minutos para os grupos discutirem seus diários e conclusões.

7- Formar o grupo grande novamente e pedir aos relatores de cada grupo para fazer uma pequena apresentação para todo o grupo (de 2-3 minutos no máximo).

8- Quando todos os grupos tiverem apresentado suas conclusões, discutir as questões a seguir.

Perguntas para discussão

- Quais são os tipos de violência mais comuns que vemos a nossa volta?
- Quais são as imagens de violência que vemos na mídia? Por que será que a mídia mostra tantas imagens de violência?
- Quais são os lugares onde mais vemos ou observamos violência?

- Observando esta violência ou imagens de violência, as pessoas violentas eram geralmente homens ou mulheres? Jovens ou adultos?
- E as vítimas? Eram geralmente homens ou mulheres? Jovens ou adultos?
- Como sentimos, ao observar esta violência, seja na vida real ou na mídia?
- Quais seriam os efeitos ou as conseqüências para nós mesmos de tanta violência em nossa vida cotidiana?
- Quais seriam os efeitos ou conseqüências de vermos tanta violência na mídia?



FECHAMENTO

Como fechamento, o facilitador poderia usar o vídeo "Artigo 2º" como uma alternativa. Esse vídeo foi produzido em português por ECOS em São Paulo, Brasil (veja Módulo 3 para mais informações). Se tiver recursos disponíveis, também podiam preparar um vídeo com várias imagens de violência da televisão gravada no seu país e depois comentar estas imagens. Poderia também, se houver recursos disponíveis, fechar essa técnica com a exibição de um vídeo popular que incluía

imagens de violência. Existem, infelizmente, milhares de filmes e vídeos que fazem apologia da violência. Usar um filme pode também incentivar a discussão com os jovens sobre o tipo de imagem, o tipo de personagem apresentado etc. Por exemplo, um filme de Brad Pitt e Edward Norton (Clube de Luta) trata de um clube onde um grupo de rapazes pratica "luta" e em que cada membro novo é submetido a um ritual de entrada. Códigos de honra, a demonstração de força física e a capacidade de resistir aos golpes sem demonstrar dor ou medo fazem parte da história do filme.

Esta técnica utiliza o sociodrama para imaginar como seria se fôssemos outras pessoas com diferentes condições e realidades.

TÉCNICA 5

Diversidade e Direitos: Eu e os Outros

Objetivo: Encorajar a empatia com pessoas de diversas realidades e discutir a origem de violência associada a pessoas de diferentes grupos étnicos e/ou orientação sexual.

Materiais necessários: Folhas de papel A4. Marcadores. Fita.

Tempo recomendado: Uma hora e meia.

Dicas/notas para planejamento: Essa técnica geralmente leva os jovens a rir e a ter que desempenhar ou atuar no papel de pessoas de diversas orienta-

ções sexuais e realidades. Procurar manter um espírito leve na técnica, sem censurar os jovens, e fomentando o respeito para com as diferenças. Usando esta atividade com alguns grupos de homens jovens, eles pediram que pensássemos em mais frases e usamos essa técnica duas vezes. Usá-la novamente permitiu que fossem tratados temas dos quais eles tinham dúvidas e que necessitavam de esclarecimentos: HIV e DSTs, uso de drogas, suicídio, violência doméstica - temas incluídos nesse manual e nos outros que se seguem. Ou seja, esta atividade é uma forma de trazer os temas tratados nos cinco manuais para discussão.

Procedimento

- 1- Antes que o grupo comece suas atividades, selecionar frases que você ache que são mais apropriadas de acordo com a relação abaixo. Escrever estas frases numa folha de papel, selecionar um número suficiente de frases para cada participante. Se quiser, criar outras frases, outros exemplos ou repetir alguns, se achar necessário.
- 2- Pedir aos participantes para sentar em círculo e fechar os olhos. Explicar que se colocará uma folha de papel em suas mãos onde tem uma palavra ou uma frase escrita. Depois de receber o papel, os participantes

deverão ler a frase sem comentar nada e refletir pessoalmente sobre o que eles fariam se estivessem naquela situação.

- 3- Pedir a cada um que pegue um pedaço de fita e cole na parte da frente de sua camisa.
- 4- Pedir que todos se levantem e andem devagar pela sala com o papel colado, lendo as frases dos outros participantes, cumprimentando os outros, mas sem falar.
- 5- Depois pedir aos participantes que fiquem em círculo e olhem uns para os outros. Explicar que cada um deve ser um personagem e inventar uma história que tenha a ver com a frase que recebeu – uma história que fale sobre sua condição ou realidade. Dar algum tempo para que possam refletir sobre sua história.

Sou soropositivo
Sou bandido (membro de uma gangue ou traficante de drogas)
Sou bissexual
Meu pai está na cadeia
Minha namorada me traiu
Sou heterossexual

Minha mãe é trabalhadora do sexo
Não sei ler
Sou executivo
Tive relações sexuais com outro homem, mas não sou gay
Tenho AIDS
Sou descendente de índios

6- Perguntar se há algum voluntário para começar. Então, cada um, aleatoriamente ou na ordem do círculo fale sobre sua história até que todos o tenham feito. Em alguns casos, pode-se permitir que os participantes troquem seu “caso” com outro participante.

7- Uma vez que todos tenham relatado sua história, pedir que retornem a seus lugares, permanecendo com o papel colado em suas camisas.

8- Pedir aos participantes que, mantendo seus personagens, façam perguntas uns aos outros, sobre suas vidas, sua condição naquele momento, seus problemas e suas realidades. Pode-se usar o bastão falante (vide técnica 1) para facilitar a discussão. Dar um tempo entre 20 e 30 minutos para discutir.

9- Discutir as questões a seguir.

Perguntas para discussão

- ✎ Você conhece algum jovem que enfrentou situação semelhante descrita no papel? Como foi para você, viver esse personagem?
- ✎ Como se sentiu?
- ✎ Em muitos lugares, um jovem que é “diferente” ou que representa uma minoria é objeto de discriminação e violência. Por exemplo, no Brasil e nos EUA existem grupos de *skinheads* que espancam gays e negros. De onde você acha que esse ódio vem?
- ✎ De que forma alguém que é “diferente” de nós, pode levar a violência?



FECHAMENTO

Pode-se fechar essa técnica perguntando aos jovens sobre outros exemplos de pessoas diferentes ou até de minorias que não foram incluídas. Às vezes surgem exemplos de pessoas percebidas como diferentes ou minorias sobre as quais não havíamos pensado, surgindo mais conteúdo para as técnicas e o trabalho com jovens.



LINK

Esta técnica também é muito útil para discutir a questões de pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Sou de descendência européia (ou sou branco)
Sou gay
Sou de descendência africana
Bati na minha namorada
Já tentei me matar
Sou viciado em cocaína
Sou surdo

Sou menino de rua
Sou milionário
Perdi um braço num acidente
Minha namorada me bateu
Sou pai e cuido dos meus filhos
Sou alcoólatra
Estou sem emprego

Esta técnica consiste em discutir alguns casos em que os jovens correm riscos ou são desafiados a se expor a riscos por algum colega.

TÉCNICA 6

Risco e Violência: as Provas de Coragem

Objetivo: Refletir sobre "provas de coragem" e exposição a riscos para demonstrar coragem, virilidade e masculinidade, como forma de aceitação pelo grupo de pares (turma de amigos).

Materiais necessários: Espaço para trabalhar e criatividade.

Tempo recomendado: Uma hora e meia.

Dicas/notas para planejamento: Muitas vezes, para ser aceito por sua turma de amigos, os jovens tendem a se colocar em situações de risco como uma prova de coragem e de virilidade. Quem não o faz, é taxado de

frouxo, careta ou covarde. Outras vezes, a vontade de sentir uma emoção diferente, enfrentando situações de desafio e perigo, faz com que os jovens também se exponham a riscos. Algumas histórias têm um fim trágico, acabando em lesões, algumas graves e irreversíveis, quando não em morte. O que isso tem a ver com homens jovens? Por que a necessidade de "provar que é corajoso"? Essa técnica procura incentivar uma discussão sobre o tema, já que muitas vezes os jovens têm vergonha de falar, ou não querem falar sobre o assunto. Os exemplos incluídos aqui devem ser adaptados para cada contexto, pois as "provas de coragem" variam muito de lugar para lugar, por país, cidade, classe social, meio urbano ou rural etc.

Procedimento

- 1- Explicar que a técnica se propõe a falar sobre provas de coragem e exposição a situações de risco e perigo.
- 2- Pedir ao grupo que se divida em grupos menores de 4-5 participantes. Cada um dos grupos receberá uma folha de papel com o início de uma história, para que o grupo complete a sua história da maneira que quiser, apresentando-a para os demais. De preferência, montar uma pequena peça com a narrativa da história.
- 3- Dar a cada grupo cerca de 20 minutos para completar essa tarefa. Pedir para cada grupo fazer suas apresentações e depois abrir a discussão. Abaixo segue um roteiro para discussão.

Perguntas para discussão

- Que provas de coragem eu já dei?
- O que eu queria provar e a quem?
- Como é curtir o "perigo"?
- Como me senti?
- Já pensou que podia ter acontecido algo errado?
- E se ficar alguma marca no corpo (cicatriz ou coisa parecida)?
- E se eu me recusar a fazer uma destas provas, como é que fico?
- Alguém conhece algum caso que tenha acabado mal?

Casos para discussão

Gabriel ia todo fim de semana ao baile com seus colegas. Alguns deles sempre iam em cima do ônibus curtindo um barato diferente. Viviam dizendo que Gabriel era frouxo porque não queria ir lá em cima com o resto da turma. Um dia, voltando do baile, Gabriel decidiu que...

Chico adora praia, mas não sabe nadar direito. No último fim de semana, a turma do irmão mais velho dele resolveu ir à praia num dia de mar revolto. Todos iam prá água, mas Chico estava com medo de entrar. Incentivado pelos amigos mais velhos de seu irmão, Chico mergulhou n'água e quase se afogou. Chico então foi chamado de vacilão, por seus amigos e ficou....

Vinicius era novo na escola. Tinha uma cicatriz grande na testa. Todo mundo lhe perguntava o que tinha acontecido. Vinicius orgulhava-se dessa cicatriz dizendo que tinha feito uma aventura de verdade. Então contou que...

Mauro já era veterano em sua escola. Com o início das aulas, ele e sua turma estavam preparando o trote da "galerinha mais ou menos", que estava entrando na escola. Só que agora eles queriam algo mais radical para a nova turma. Então resolveram que fariam

Lino é fissurado por motos. Depois que comprou sua moto, não quer outra vida. Foi convidado por seus colegas da escola para assistir a um "pega" que se realizava num bairro próximo ao seu. No dia, Lino foi desafiado por um outro cara para fazerem manobras radicais e ver quem era o melhor. Lino se recusou e então

Alex era "office boy" e ia todo dia de trem do subúrbio onde morava para o centro da cidade. Gostava de ir lá em cima, surfando no trem, desviando-se dos cabos de alta tensão. Teve um dia que Alex estava mais distraído e....



LINK

No caderno Razões e Emoções há referência à questão do corpo, o autocuidado e autovalorização.



FECHAMENTO

Perguntar ao grupo quais suas impressões sobre essas histórias relatadas, bem como sobre suas próprias histórias pessoais, estabelecendo uma conexão entre provas de coragem e exposição a riscos com a questão de ser homem e de versões de masculinidade. Pode-se terminar essa técnica apresentando dados da OMS (Organização Mundial de Saúde) que mostram que o nível de morbidade e mortalidade entre

homens jovens está relacionado, entre outros fatores, a acidentes causados pela exposição dos jovens a situações de risco. Pode-se ainda, refletir se, para ser homem de verdade, é necessário submeter-se a provas de masculinidade que envolvam risco e violência, e que acabam se constituindo como uma violência contra si mesmo. O cuidado com a integridade física, com seu próprio corpo constitui um ponto importante na discussão do desenvolvimento e saúde do homem jovem.

Esta técnica apresenta várias situações sobre violência sexual, solicitando aos jovens determinarem o que é e o que não é violência.

TÉCNICA 7

Violência Sexual: é ou não é?³

Objetivo: Discutir o que é violência sexual, quais as condições que a fomenta e como podemos reduzi-la ou preveni-la.

Materiais necessários: Papel rotafólio. Marcadores. Fita.

Tempo recomendado: Uma hora.

Dicas/notas para planejamento: Antes de apresentar essa técnica, pode ser útil que o facilitador procure dados de sua comunidade ou país sobre diferentes formas de violência sexual, informação sobre as leis em vigor bem como informação sobre organizações que oferecem apoio a pessoas que tenham sofrido violência sexual. Estas informações podem ser úteis para responder a perguntas que os jovens possam fazer durante ou depois dessa técnica. Também antes de aplicar a técnica, o facilitador deve revisar as frases para ver quais ele/ela acha pertinente, e acrescentar outros exemplos apropriados para seu local.

Pode-se encontrar alguma resistência para se falar sobre o tema de violência sexual. Em outros locais, já existem campanhas sobre violência sexual, e os exemplos incluídos aqui podem ser óbvios demais. Da mesma forma que falar sobre outras formas de violência pode causar constrangimentos, em razão das possíveis conexões com histórias pessoais dos participantes, no caso da violência sexual podem estar presentes no grupo jovens que sofreram algum tipo de violência sexual na infância ou adolescência e que podem precisar de ajuda. Em alguns momentos, encontramos homens jovens que sofreram violência sexual de uma mulher, mas nunca haviam falado com alguém sobre o assunto por vergonha - tinham a crença de que ninguém ia acreditar que um homem pode ser vítima de uma mulher. Outros, em alguns momentos, sabiam de amigas que tinham sido vítimas de violência sexual. O facilitador deve estar preparado para casos sensíveis, até de participantes que podem precisar de uma ajuda especial, mesmo que isto nem sempre ocorra.

Procedimento

1- Antes da atividade, escrever as seguintes frases, uma em cada folha de papel:

É violência sexual

Não é violência sexual

Estou em dúvida

2- Explicar aos participantes que você vai ler uma série de casos, e que você quer que eles pensem sobre se a situação descrita representa violência sexual ou não. Falar que, se eles não sabem ou não têm certeza, podem dizer.

3- Colar os três "posters" na parede com uma boa distância entre eles. Explicar que você lerá um caso, e que vai perguntar aos participantes para decidir em que "pôster" as frases se encaixam, segundo a opinião deles. "É violência sexual". "Não é violência sexual".

³ O formato desta técnica foi adaptado da técnica "Escolha de Valores" do curriculum, "Adolescência: Época de Planejar a Vida," Advocates for Youth, Washington, DC. Para uma cópia do AEPV, consulte o endereço da Advocates for Youth no Módulo 3.

“Estou em dúvida (ou não sei)”.

4- Explicar que uma vez que eles tenham tomado a decisão, você pedirá a um ou mais membros do grupo de cada categoria para

defender seu ponto de vista.

5- Antes de iniciar a técnica, pensar no que é mais apropriado e, é claro, incluir e inventar outras. Ler um dos parágrafos seguintes.

Felipe começou um trabalho como assistente administrativo numa firma bem conhecida, faz poucos meses, e está gostando do trabalho e da firma. Uma noite, o chefe dele, Roberto, diz que ele gosta muito de Felipe, que o acha pintoso e queria ter sexo com ele. Ele disse que se ele concordar em ter sexo com ele, ele o ajudará a crescer na firma. É violência sexual?

Pablo e Maria Helena estão casados há dois anos. Às vezes, Pablo chega em casa tarde, e Maria Helena já está dormindo. Ele a acorda para ter sexo com ela. Às vezes, ela não concorda, mesmo assim Pablo força a barra e transam. É violência sexual?

Todo mundo diz que Linda tem cara de safada. Ela vive dizendo que transa com muita gente, e que gosta de sexo. Ela vai à festa do Pedro, e bebe muito, desmaiando. Pedro faz sexo com ela, ainda desmaiada, e convida seus amigos para transarem com ela também. É violência sexual?

O Ricky tem 15 anos e nunca tinha transado. Um grupo de amigos sempre riu dele dizendo que era virgem e que por isso não era homem. Uma noite, eles o levaram para um prostíbulo e pagaram a uma trabalhadora de sexo para transar com ele. Ele não queria transar, mas acabou transando com ela, porque se sentiu pressionado pelos amigos. É violência sexual?

Luisa diz que ela quer transar com Fred. Ela tira suas roupas, e está na cama com ele quando decide que não quer mais transar. Ele a força. É violência sexual?

Quando Leonardo tinha 12 anos, uma amiga de sua mãe, Alice, às vezes ficava com ele quando seus pais saíam à noite. Alice tem a mesma idade de sua mãe. Uma noite, quando Leonardo foi tomar banho, Alice entrou no chuveiro com ele. Leonardo não sabia o que fazer. Ele ficou parado diante dela. Ela disse para ele: “Por que você está aí parado? Seja um homem de verdade e transe comigo”. Leonardo fez sexo com ela. Depois ele se sentiu estranho, mas não sabia se podia falar com alguém sobre isso. É violência sexual?

Perguntas para discussão

- Essas situações são realistas?
- O que é violência sexual?
- O que é violência de gênero?
- Toda violência sexual é crime?
- Que podemos fazer para prevenir a violência sexual?
- Quem é mais vítima de violência sexual, homem ou mulher? Por quê?
- Homem também pode ser vítima de violência sexual?
- Quais seriam as consequências de ter sofrido violência sexual?



LINK

A questão de violência sexual também traz à tona o tema de aborto e contracepção de emergência, que está incluído no caderno sobre Sexualidade e Saúde Reprodutiva.



FECHAMENTO

Depois de comentar as perguntas da discussão, dependendo do grau do conhecimento, pode ser interessante conversar com o grupo sobre o que significa violência de gênero e as várias formas, conforme apresentado na Folha de Recursos a seguir. Se for interessante para o grupo, também pode convidar alguém de sua comunidade que é especialista no tema de violência de gênero ou violên-

cia sexual, para falar com o grupo. Pode ser interessante consultar algumas fontes de informação adicionais que falam sobre as consequências da violência sexual. Sabemos que muitos dos homens adultos que são violentos sexualmente também foram vítimas de algum tipo de violência na sua infância ou adolescência. Mostrar a importância de identificar casos de violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes para poder interromper o ciclo de violência sexual.

Folha de recursos definindo violência de gênero

-  **Incesto:** relação sexual entre parentes consanguíneos (pais/filhas, mães/filhos, irmãos etc).
-  **Abuso sexual:** trata de qualquer tipo de contato físico íntimo entre um adulto e uma criança.
-  **Estupro:** uso da força física ou ameaça com intuito de obter relações sexuais com penetração (oral, vaginal ou anal).
-  **Exploração sexual:** exploração de crianças e jovens para a satisfação sexual de pessoas adultas, envolvendo atividades como prostituição e pornografia infantis.
-  **Assédio sexual:** manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas, pressão para ter relações sexuais que o outro não deseja.
-  **Violência emocional:** é aquela que se manifesta por meio de insultos, humilhações, ameaças, falta de atenção afetiva etc. Pode ter consequências para homens e mulheres, como baixa auto-estima, desconfiança e insegurança emocional.
-  **Violência física:** é aquela que se expressa por meio de golpes, chutes, empurrões e outros atos que podem provocar lesões, pondo em perigo a saúde do homem e da mulher.

Esta técnica usa sociodramas para apresentar relações de casais, mostrando violência e respeito.

TÉCNICA 8

Da Violência para Respeito na Relação Íntima⁴

Objetivo: Discutir como usamos a violência em nossas relações íntimas e refletir sobre o que é de fato uma relação íntima baseada no respeito.

Materiais necessários: Papel rotafólio/flip-chart. Marcadores. Fita.

Tempo recomendado: Uma hora e meia.

Dicas/notas para planejamento: Essa técnica usa dramatização com personagens femininos. Se se está trabalhando com um grupo somente de rapazes, alguns deles podem-se mostrar relutantes em interpretar uma personagem feminina. Encorajar o grupo a ser flexível. Se nenhum dos jovens quiser interpretar a personagem feminina, você pode pedir que eles descrevam as cenas usando o "flip chart", por exemplo. O que se

sente muito fortemente, no contexto do Brasil, onde trabalhamos, é a impotência que os jovens sentem em responder à violência que eles vêem outros homens praticando. Muitos têm medo de falar sobre a violência doméstica, repetindo um ditado comum no Brasil de que "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Através dessa técnica, o facilitador deve procurar falar sobre o silêncio e a impotência que sentimos ao testemunharmos violência doméstica. Outra coisa que se percebe ao usar essa técnica é que os jovens no contexto onde trabalhamos têm pouco contato ou conhecimento de relações íntimas - seja de namoro, seja de casais adultos - com base em respeito mútuo e diálogo. O grau de conflito nas relações no dia-a-dia onde nós trabalhamos é alto, mostrando a necessidade de trabalhar com homens e mulheres para pensar a questão: como podemos formar relações entre os homens e mulheres com base no respeito?

Procedimento

1- Explicar ao grupo que o propósito é discutir e analisar os vários tipos de violência que por vezes usamos nas nossas relações íntimas, e discutir formas de mostrar e viver estas relações com respeito.

2- Dividir os participantes em 4 grupos (ou menos, dependendo do número total de participantes de grupo), com um número de 5 a 6 em cada, pedindo que eles criem uma

pequena história.

3- Pedir a dois grupos que apresentem uma relação de intimidade – namorado e namorada, marido e mulher, ou namorado e namorado – que mostrem cenas de violência. Explicar que a violência pode ser física, mas não necessariamente. Pedir para eles tentarem ser realistas, usando exemplos de pessoas e incidentes que tenham presenciado ou de que

⁴ Quando nos referimos a relações íntimas e à intimidade, estamos querendo enfatizar as relações de namoro, de "ficar" ou seja, relações com envolvimento amoroso, afetivo e/ou romântico que pode ou não incluir envolvimento sexual. Preferimos não utilizar "relações de casal" porque nem sempre os jovens associam o "ficar", o namorar, com uma relação estável de casal.



tenham conhecimento em suas comunidades.
4- Pedir aos outros grupos para apresentar também uma relação de intimidade, mas baseada no respeito em relação ao outro. Pode haver conflitos ou diferenças de opinião, mas que mostrem respeito na relação e que não contenham cenas de violência. Deixar 15 a 20 minutos para discutir a história ou as cenas, e pedir que apresentem ao grupo.

5- Cada grupo deve ter em torno de 5 a 10 minutos para apresentar suas histórias, permitindo que os outros grupos possam fazer perguntas.

6- Quando todos os grupos tiverem-se apresentado, usando o “flip chart”, listar: quais são as características de uma relação violenta? Encorajar os participantes a refletirem sobre as diversas formas de violência nas relações íntimas (controle, coerção, gritos...) bem como a violência física. Usar as histórias como exemplo, perguntando: quais as características individuais ou da própria relação nos casos que foram apresentados, que demonstraram a violência?

7- Colocando a lista na parede, começar a listar o seguinte: quais características que fazem com que uma relação seja saudável? Pedir ao grupo para pensar no que é necessário para uma relação baseada no respeito.

8- Discutir as questões abaixo.

Perguntas para discussão

- ✎ Os exemplos que foram usados nas histórias são realistas? Vemos essas coisas no nosso dia-a-dia?
- ✎ Para você quais as causas da violência doméstica ou da violência na relação?
- ✎ Somente o homem usa violência física contra a mulher?
- ✎ Quando você vê esse tipo de violência, o que você normalmente faz? O que poderia fazer?
- ✎ Os exemplos de uma relação saudável que foram mostrados nas histórias são realistas? É possível construir uma relação baseada no respeito? A gente vê isso no nosso cotidiano?
- ✎ Que podemos fazer individualmente para construir relações de intimidade saudáveis?



FECHAMENTO

Essa técnica tenta encorajar os jovens a discutir a realidade da violência doméstica, usando exemplos de seu próprio contexto. Existe uma série de outras técnicas para tratar do assunto da violência doméstica disponíveis na América Latina. Muitas delas usam alguns casos e perguntam aos jovens para atribuírem valores, em uma determinada escala, baseado no nível de violência envolvida. Consulte a lista de referências, caso queira atividades adicionais sobre esse tipo de técnicas. Dependendo do grupo, pode-se encorajar os participantes a procurar informações adicionais sobre violência doméstica em suas comunida-

des. Pode-se ainda convidar alguém que trabalhe com mulheres vítimas de violência doméstica ou um grupo de homens que trabalham com autores de violência contra a mulher. A Campanha do Laço Branco (White Ribbon Campaign) iniciada no Canadá e agora adotada em vários países da América Latina, mencionada nas referências, oferece uma série de materiais para trabalhar o tema em escolas ou nas comunidades com intuito de parar a violência contra as mulheres. Na América Latina, existem grupos no México, Nicarágua e Brasil listados nas referências que possuem informações e desenvolvem atividades com homens na questão da prevenção da violência doméstica.

Esta técnica procura sensibilizar os participantes a respeitar as preferências sexuais de cada um, utilizando estudos de caso.



TÉCNICA 9

Homofobia: Homem Pode Gostar de Outro Homem?⁵

Objetivo: Promover uma reflexão sobre homossexualidade e homofobia, procurando sensibilizar os participantes a uma maior aceitação da diversidade sexual humana.

Materiais necessários: Papel rotafólio/flip-chart. Marcadores. Fita.

Tempo recomendado: Uma hora.

Dicas/notas para planejamento: Essa técnica promove uma discussão sobre temas que são considerados tabu em grande parte do mundo, ou que são negadas, ou que invoca raiva e rejeição. O facilitador que vai discutir esses temas deve, ele mesmo, examinar suas opiniões e atitudes sobre diversidade sexual e orientação sexual. Embora introduzindo o tema de homofobia e respeito para as diferenças em vários

momentos e técnicas desse manual, percebemos mudanças de atitude. O facilitador deve procurar manter a postura de defender o respeito para com pessoas de todas orientações sexuais, mas fazer isto sem censurar os jovens, escutando os seus comentários - mesmo quando homofóbicos - e questionando-os, mas sem julgá-los.

Pergunta-se se esta técnica cabia no manual de violência. Mas, como foi mencionado no Módulo 1, existem numerosos exemplos do uso de violência contra gays, bissexuais e lésbicas em várias partes da América Latina. A homofobia é espalhada, e é um aspecto fundamental do machismo, sendo usado para encorajar os rapazes a ser violentos para não ser rotulados de gays. Mesmo quando a violência física não ocorre, muitos indivíduos de orientação gay ou bissexual são objeto de ridicularização, escárnio ou discriminação.

⁵ Esta técnica foi adaptada da técnica "La historia sin fin," do manual "Esto es cosa de hombres o de mujeres," de MEXFAM. Veja no Módulo 3 para a referência completa e para informações sobre como conseguir uma cópia.



Procedimento

- 1- Explicar ao grupo que o propósito da atividade é discutir e analisar a homofobia. Pedir ao grupo para definir homofobia.
- 2- Explicar ao grupo que você irá discutir exemplos de homens e mulheres jovens representantes de diversas orientações e práticas sexuais.
- 3- Formar um círculo com todos os participantes. Explicar ao grupo que você irá começar uma
- 4- Discutir as questões a seguir:

história e que eles poderão inventar o resto. Introduzir o primeiro caso e seguir o círculo perguntando a cada uma para adicionar detalhes à história. Você pode parar a cada história e perguntar ao grupo: é um fato realista? Por que você acha que o grupo conduziu a história dessa maneira? (pela natureza dos temas, prefere-se não apresentar como uma dramatização, mas em alguns grupos se pode construir uma história e representá-la. A idéia é que cada um coloque detalhes na história inicial).

4- Discutir as questões a seguir:

Exemplos de histórias

Uma noite, Beto tinha saído com um grupo de amigos, todos da mesma turma no colégio. Um deles, Rogerio, disse: "Vamos bater em umas bichas por aí. Vi uns travestis na praça. Vamos!" E então ...

Uma noite quando ele estava passeando na praia com um grupo de amigos, Luis ficou na mesma barraca que seu amigo, Guilherme. Eles tomaram umas cervejas antes de ir para a barraca. Luis sempre se considerou heterossexual. Estava pensando em sexo com sua namorada e ficou excitado quando foi para a barraca. Quando Guilherme viu que Luis estava excitado, começou a

Aos 18 anos, Tomas teve sua primeira experiência sexual com outro homem, e a partir de então, ele sabia que era gay. Teve muitos parceiros até conhecer José. Eles ficaram juntos por muito tempo, quando decidiram contar para suas famílias e viverem juntos...

Aos 17 anos, Fernando achou que era bissexual. Ele gostava de sexo com garotas e com garotos. Uma noite, seu pai o viu abraçando outro rapaz, e quando Fernando chegou em casa seu pai começou a gritar com ele...

Joana é lésbica, e não esconde isso. Ela deixa claro para seus amigos, garotas e garotos, que é lésbica e freqüentemente usa broches e camisetas que falam sobre o direito dos gays. Uma vez ela estava indo para casa à noite, quando um grupo de rapazes a estava esperando perto de casa. Um deles disse: "É ela. É lésbica". Então,

Miguel tem um amigo chamado Sammy (um jovem da sua idade) por quem está atraído. Miguel sempre está sozinho, sem garotas. Apesar de já ter transado, ele nunca se apaixonou de fato. Ele não sabe ao certo o que isso significa...

Perguntas para discussão

- Esses exemplos são realistas? Vemos esses fatos na vida real?
- Qual a diferença entre lésbica, gay e bissexual?
- Uma pessoa pode ter relações com uma pessoa do mesmo sexo e ser heterossexual?
- Por que é difícil para muitas pessoas aceitar a homossexualidade ou o comportamento homossexual?
- Que tipo de violência contra gays ou lésbicas você já viu ou ouviu falar?
- O que você pensa deste tipo de violência?
- Você já foi chamado de gay por algum de seus colegas por não fazer alguma coisa, como brigar? O que você acha disso?



LINK

Essa técnica encontra-se neste caderno por ser a homofobia uma forma de violência de gênero. Mas, ela também é relevante para os cadernos “Sexualidade e Saúde Reprodutiva” e “Prevenindo e Vivendo com HIV/AIDS.”



FECHAMENTO

Alguns grupos de homens jovens podem negar a existência de comportamento homossexual ou de indivíduos gays ou bissexuais em suas comunidades. Explicar ao grupo que o comportamento homossexual tem sido registrado em quase todo o mundo e que entre 10 e 15% de homens adultos e jovens entrevistados em vários países da América Latina disseram que fizeram sexo pelo menos uma vez com outro homem - incluindo aqueles que se reconhecem como heterossexuais.

Pode-se também trazer exemplos de organizações ou campanhas ou ainda mecanismos legais existentes em algumas partes da América Latina que trabalham com a homofobia e que promovem a aceitação da diversidade sexual ou os direitos de indivíduos gays ou bissexuais. Pode-se considerar ainda a possibilidade de convidar um membro de um destes grupos ou organizações para fazer uma apresentação de um grupo ou sugerir que o grupo visite um deles.

Pode-se também voltar ao tema de como a homofobia faz parte da socialização masculina.

Esta técnica procura fazer com que os jovens reconheçam quando estão com raiva e como expressá-la.

TÉCNICA 10

Que Faço Quando Estou com Raiva?⁶

Objetivo: Ajudar os participantes a pensar sobre como identificar quando estão com raiva e como expressá-la de forma construtiva, e não destrutivamente.

Materiais necessários: Papel rotafólio/flip-chart. Papel A4. Marcadores. Fita. Cópias da Folha de Recurso para cada participante.

Tempo recomendado: Uma hora.

Dicas/notas para planejamento: Em geral, meninos e

homens são socializados para não falar sobre o que sentem. Quando nos sentimos frustrados ou tristes, somos encorajados a não falar sobre isso. Muitas vezes ao não falar, a frustração ou raiva se intensifica até ser expressa via agressão física ou gritos. Essa técnica procura ajudar os jovens a pensar na questão de usar bem as palavras - sem agredir com elas - para expressar raiva e frustração ao invés de agressão física. Esta técnica pode ser útil e pode ser uma referência para o resto do processo, já que sempre haverá conflitos no grupo. Em caso de conflitos, o facilitador pode lembrar: "Use palavras, mas sem agredir".

Procedimento

1- Comece a técnica com uma pequena introdução ao tema, por exemplo:

Muitos jovens e homens confundem raiva e violência, achando que são a mesma coisa. É importante afirmar que a raiva é uma emoção, uma emoção natural e normal que todo ser humano sente em algum momento da vida. Violência é uma forma de expressar raiva, quer dizer, é um comportamento que pode expressar raiva. Mas existem muitas outras formas de expressar a raiva – formas melhores e mais positivas – que a violência. Se aprendermos a expressar nossa raiva quando a sentimos, pode ser melhor do que deixá-la acumular, pois muitas vezes quando deixamos a raiva acumular, tendemos a explodir.

2- Explicar ao grupo que nessa técnica, vamos falar sobre como reagimos à raiva.

3- Entregar para cada participante uma Folha de Recursos (a seguir). Lendo cada pergunta, fazer que os participantes respondam às perguntas individualmente, dando-lhes 2-3 minutos para cada pergunta.

4- Ao terminar de preencher a folha, dividir o grupo em grupos pequenos de 4-5 participantes no máximo. Em pequenos grupos, pedir que eles comentem, dando um tempo para cada um contar o que escreveu para os outros do grupo. Dar 20 minutos para este trabalho em grupo.

5- Com os participantes ficando nos pequenos grupos, entregar para cada grupo uma folha de papel rotafólio e pedir que faça uma lista de:

A) Formas negativas de como reagimos quando estamos com raiva

B) Formas positivas de como reagimos quando estamos com raiva

⁶ Esta técnica foi adaptada do manual, "Learning to Live without Violence: A Handbook for Men," Volcano Press, 1989. Para pedir uma cópia do manual e ver a referência completa, consulte o Módulo 3 deste caderno.

6- Dar aos grupos 15 minutos para fazer uma lista de coisas, e depois pedir que cada grupo apresente suas respostas ao grupo grande.

7-É bem provável que estejam na lista de “Formas Positivas” as táticas de: (1) **dar uma volta**; e (2) **usar palavras para expressar o que sentimos sem agredir**. É importante ressaltar que dar uma volta não significa sair de carro (se for o caso) em alta velocidade expondo-se a riscos ou ir para um bar ingerir bebidas alcoólicas. Se estas duas táticas propostas aqui não estiverem em nenhuma das listas apresentadas, explique-as para o grupo. Em suma:

Dar uma volta é simplesmente sair da situação de conflito e raiva sair de perto da pessoa de quem está sentindo raiva. Pode contar até 10, respirar profundamente, andar um pouco ou fazer outra atividade física, procurando esfriar a cabeça e ficar calmo. Geralmente, é importante para a pessoa que tem raiva explicar para o outro que vai dar uma volta porque está com raiva, algo como: “Estou muito chateado agora e preciso dar uma volta. Preciso fazer algo agora como andar para não ficar violento ou gritar. Quando estiver com a cabeça fria e estiver calmo, vamos poder conversar para resolver isto.”

Usar palavras sem agredir é aprender a expressar duas coisas: (1) Dizer para a outra pessoa o que te está chateando. E (2) dizer o que você quer da outra pessoa sem agredir ou insultar. Por exemplo:

Eu estou com raiva porque:

Eu gostaria que você:

Dar um exemplo para o grupo

Se a sua namorada chegasse tarde para um encontro que vocês marcaram, você poderia reagir gritando: “*Você é uma vagabunda, é sempre isso, eu aqui te esperando.*”

Ou então, procurando usar palavras sem agredir, você pode dizer:

“Eu estou com raiva porque você chegou tarde. Eu gostaria que você chegasse na hora ou então que me avisasse que ia atrasar.”

8. Discutir as questões a seguir.

Perguntas para discussão

- ✎ Em geral é difícil para os homens expressarem raiva sem usar violência? Por quê?
- ✎ Muitas vezes sabemos como sair de um conflito ou de uma briga, sem usar violência, mas não o fazemos. Por quê?
- ✎ É possível “dar uma volta” para reduzir os conflitos? Temos experiência com essa técnica? Como resulta?
- ✎ É possível “usar palavras sem agredir”?



FECHAMENTO

Se estiver com tempo, uma forma interessante para fechar essa técnica é pedir ao grupo para fazer sociodramas ou pensar em outros exemplos de situações ou frases que exemplificam a diferença entre gritar ou usar palavras que agredam e usar palavras que não agredam.



LINK

A técnica sobre assertividade no caderno “Razões e Emoções” também trata do tema de expressar-se sem violência.



Folha de Recurso

Que faço quando estou com raiva?

1- Pense numa situação recente quando você estava com raiva. **Que aconteceu?** Escreva aqui uma pequena descrição do evento (uma ou duas frases).

2- Agora, pensando neste evento de quando você estava com raiva, tente lembrar o que você estava pensando e sentindo. Tente listar aqui **uma ou duas sensações que você teve no seu corpo quando estava com raiva:**

3- Muitas vezes depois de sentir raiva, começamos a reagir com violência. Isso pode até ser antes de nos darmos conta de que estamos com raiva. Alguns homens reagem logo, gritando, jogando algo no chão, batendo. Às vezes, chegamos a ficar deprimidos, quietos, fechados. **Pensando neste evento, quando você sentiu raiva, como demonstrou essa raiva?** Qual foi o seu comportamento? (Escreva em uma frase ou algumas palavras como você reagiu, suas ações ou seu comportamento quando estava com raiva.)

Esta técnica procura mostrar exemplos do que o grupo pode fazer em relação à promoção da não-violência na sua comunidade.

TÉCNICA 11

Cidadania: O que Posso Fazer para Promover a Paz?

Objetivo: Encorajar os participantes a pensar num projeto em conjunto para chamar a atenção ou reduzir a violência na sua comunidade.

Materiais necessários: Papel rotafólio. Cópias para todos os participantes dos estudos de casos.

Tempo recomendado: Uma hora e meia para iniciar. Em grupo, decidir por quanto tempo depois a campanha se mantém.

Dicas/notas para planeamento: Essa técnica trata de criar um projeto comunitário com os jovens para promover a paz nas suas comunidades. Algumas das mais promissoras e bem sucedidas formas de prevenir a violência no mundo inteiro são aquelas criadas pelos próprios jovens. Da mesma forma, como foi comentado no Módulo 1, os jovens que se sentem compro-

metidos com suas comunidades e escolas são menos propensos a ser violentos ou delinquentes. Ser parte da solução é por si só uma forma de prevenção.

Depende do facilitador decidir se o grupo realmente tem condições ou está pronto para assumir uma atividade desta ordem. Essa é a mais solta e flexível de todas as técnicas deste manual. Depende de os jovens e facilitadores levarem como quiserem. Pode ser a técnica que também vai requerer outras pessoas para colaborar na sua execução. É importante que o facilitador seja realista em termos de tempo e recursos. Algumas organizações e facilitadores têm condições para desenvolver um projeto comunitário, outros não. Em nossa experiência é importante engajar os jovens com parte da solução, mas com realismo. É importante sonhar com esta atividade, porém com asas bem construídas e pensadas.

Procedimento

1- Explicar aos participantes que o propósito é incentivá-los a discutir em grupos o que eles poderão fazer em suas comunidades para chamar a atenção para a violência ou, trabalhando com outros grupos, para reduzir a violência.

2- Explicar ao grupo que em várias partes das Américas, os próprios jovens têm colocado em prática suas idéias para chamar a atenção para a questão da violência, por exemplo, elaborando propostas para reduzir o nível de violência ou propor soluções.

3- Explicar aos jovens que eles podem discutir alguns estudos de caso de projetos que já foram



utilizados por outros jovens em outras comunidades.

4- Distribuir cópias de um ou mais estudos de caso ou incluir estudos de caso que foram feitos em seu país ou região.

5- Dividir o grupo grande em pequenos grupos para discutir os casos apresentados, e pedir aos participantes para lê-los. (Dependendo do nível de leitura dos participantes você mesmo pode ler em voz alta os estudos para eles).

6- Promover uma breve discussão sobre os estudos de caso, perguntando, por exemplo:

a) *O que você achou do caso apresentado?*

b) *O que você acha que o jovem pode fazer sobre a questão da violência?*

c) *Quem mais poderia ser envolvido, se os jovens quisessem fazer alguma coisa sobre a violência?*

7- Dividir os participantes em grupos de 5 ou 6- e pedir que eles façam um "brainstorm" sobre o que eles poderiam fazer como grupo (ainda que um grupo particular), com outros

jovens em sua comunidade ou escola sobre a violência. Peça que eles escrevam ou desenhem suas idéias num "flipchart". Diga-lhes que as idéias não precisam estar totalmente prontas, mas que listem algumas idéias. Dê cerca de 30 minutos para os trabalhos em grupos.

8- Pedir aos grupos para retornar, e que cada um apresente suas idéias.

9- Pedir aos participantes para ajudar a identificar, dividir as idéias em categorias, por exemplo: (1) ação política/"advocacy"; (2) campanhas de conscientização na comunidade; (3) desenvolvimento de materiais educativos e de informação; (4) execução de um plano local nas suas escolas e comunidades, etc.

10- O próximo passo é estabelecer uma prioridade para as idéias. Quais delas parecem ser mais fáceis no momento? Quais são as mais interessantes? Trabalhar com o grupo para concentrar e dar prioridade a uma das idéias, mas deixando a decisão final para eles.



LINK

Existem várias atividades sobre direitos incluídas nos outros manuais que também podem fornecer idéias sobre iniciativas ou atividades comunitárias sobre violência.



FECHEAMENTO

A lista de idéias pode ser oferecida como "Planejamento de atividade de prevenção da violência". Essa lista contém uma série de questões que o grupo pode fazer quando planejar esta atividade. O facilitador pode determinar, durante o trabalho de grupo, um certo tempo para desenvolver o planejamento feito. Em outros

casos, o grupo pode querer encontrar-se por conta própria para finalizar o planejamento. Essa técnica é provavelmente a última a ser feita, porque depende de os participantes e do facilitador decidirem o que e como eles farão isso. O ponto importante para o facilitador é ajudar os jovens a desenvolver um plano possível de ser executado para que eles tenham uma sensação de completude, e não de frustração.



Folha de Recurso

“Planejando uma atividade de prevenção de violência”

1- Descrição (em 2 ou 3 frases, descreva seu plano)

2- Colaboração

De quem mais você precisa de colaboração para tornar este plano realidade?

Como você pode assegurar este apoio e colaboração?

3- Materiais/Recursos

De que recursos você precisa para executar seu plano?

Onde e como conseguir tais recursos?

4- Cronograma

Quanto tempo você precisa para executar o plano?

Passos: Liste em ordem os passos necessários para que o planejamento se realize.

5- Avaliação:

Como saber de que forma seu plano está funcionando?

Que expectativas você tem como resultado de sua atividade?

6- Riscos:

Quais as coisas que poderão dar errado?



Estudos de Casos

1- Projeto Jovem para Jovem

Há comunidades na América Latina onde existem grupos armados de tráfico de drogas, que às vezes determinam regras de convivência. Num projeto com jovens numa comunidade deste tipo, eles escreveram uma peça sobre violência doméstica e um rap sobre a violência. Eles vêm apresentando esta peça em escolas, em seminários sobre juventude, para políticos ligados à questão da violência doméstica, e profissionais de saúde.

2- Projeto em New York (NYC): “O que a juventude de NYC sabe sobre a violência”

Um grupo de escola secundária em NYC desenvolveu um folder que de um lado era uma bomba que dizia: “O que a juventude de NYC sabe sobre a violência”; no outro lado, era uma lâmpada que dizia: “O que a juventude de NYC sabe sobre o fim da violência”. Este folder foi distribuído em escolas e para os políticos locais como uma forma de promover a discussão sobre as causas e as possíveis soluções para os problemas da violência.

3- Promotores da Paz

Em várias escolas em alguns países na América Latina, alguns jovens são treinados a ser agentes multiplicadores para resolução de conflitos e promoção da paz. Em algumas escolas, os próprios alunos elegem os “promotores”. Será que algo assim podia funcionar na sua escola?

Módulo 3



Onde

Onde procurar mais informação.



OBJETIVO

Este módulo traz algumas descrições de materiais, *sites* e organizações que podem fornecer mais informações sobre o tema de violência e homens jovens.

Também incluímos neste módulo um estudo de caso sobre o trabalho direto e a experiência do Instituto PROMUNDO na área de prevenção de violência, incluindo violência de gênero, com homens jovens.

RECURSOS

1- Textos recomendados

McAlister, A. (1998). La violencia juvenil en las Americas: Estudios innovadores de investigacion, diagnostico y prevención. Organización Panamericana de la Salud: Washington, DC.

Revisão de pesquisas sobre violência juvenil na região das Américas. Descrição de exemplos de programas de várias partes da região. Dados estatísticos úteis e uma extensa bibliografia. Cópias disponíveis em inglês e espanhol, sem nenhum custo, podem ser solicitadas a:

*OPS, Programa de Familia y Poblacion,
525 Twenty-third Street, NW, Washington, DC,
20037, USA
Tel: (202) 974-3086
Fax: (202) 974-3694
E-mail: maddalem@paho.org*

Fontes, M., May, R., Santos, S. (1999) Construindo o ciclo da Paz. Brasília, Brasil: Instituto PROMUNDO. Coleção Promundo.

Discussão das causas da violência segundo um modelo ecológico, com sugestões de promoção de paz em escolas e com exemplos de programas que trabalham com a questão da prevenção da violência no Brasil e em outras partes da América. Cópias podem ser obtidas com o Instituto PROMUNDO (ver o endereço na contracapa).

Heise, L. Ellsberg, M. & Gottemoeller, M. Ending Violence Against Women. Population Reports, Series L, No. 11, Baltimore: Johns Hopkins University School of Public Health, December, 1999.

Revisão internacional de dados sobre violência contra a mulher e apresentação de programas e políticas pertinentes. Disponível em inglês, espanhol e francês.

*Contato: Population Information Program
Center for Communication Programs
The Johns Hopkins University School of Public Health,
111 Market Place, Suite 310, Baltimore, Md 21202
USA.*

Barker, G. (2000) What about Boys? A Literature Review on the Health and Development of Adolescent Boys. World Health Organization, Geneva.

Esta revisão da literatura apresenta dados de todo o mundo sobre a saúde e o desenvolvimento de homens adolescentes, incluindo dados de pesquisas sobre violência e homens adolescentes. Disponível em inglês, francês e espanhol.

*Contato: Department of Child and Adolescent Health and Development, WHO
20 Avenue Appia, 1211, Geneva 27, Switzerland
Tel: (41 22) 791-2632
Fax: (41 22) 791-4853
E-mail: cah@who.int
Website: www.who.int/child-adolescent-health*



2- Manuais

Men as Partners: A Program for Supplementing the Training of Life Skills Educators. Guide for MAP Master Trainers and Educators. New York: AVSC International and the Planned Parenthood Association of South Africa, 1999.

Manual de treinamento para trabalhos com homens, em equidade de gênero e saúde, com uma grande parte dedicada à prevenção da violência doméstica com homens. Fornece dados úteis sobre o tema, bem como atividades para engajar os homens em discussões sobre violência doméstica. Disponível em inglês.

*Contato: Engender Health (anteriormente AVSC International)
79 Madison Ave. New York, NY, 10016, USA
Tel: (212) 561-8000
Fax: (212) 779-9489
E-mail: info@avsc.org
Website: www.engenderhealth.org*

Life Planning Education/Adolescencia Epoca de Planejar a Vida/Como Planear Mi Vida (1992)

Manual com uma série de dinâmicas relacionadas a planejamento de vida, tomada de decisões, comunicação, valores, gênero, sexualidade e prevenção do HIV/AIDS, testadas em cinco países da América Latina e disponível em inglês, espanhol e português.

*Contato: Advocates for Youth
1025 Vermont St., NW, Suite 200, Washington, DC, 20005, USA
Tel: (202) 347-5700
Fax: (202) 347-2263
Website: www.advocatesforyouth.com*

Esto es cosa de hombres o de mujeres? Series: Hablemos de género. Aguilar, J. & Hernandez, B. México: MEXFAM, 1998.

Manual testado com jovens do México para promoção de discussões sobre gênero, sexualidade, violência de gênero e homofobia. Contém mais de 30 dinâmicas para serem feitas com grupos de jovens, tanto em grupos só de rapazes e só de meninas, como em grupos mistos. MEXFAM também produziu um vídeo com o mesmo nome que acompanha o manual. Para obter uma cópia contate:

*MEXFAM
Juarez 208, Tlalpan, C.P. 14000, Mexico, DF, Mexico
Tel. (525) 573-7100
Fax. (525) 573-2318
E-mail: mexfam@ippfwhr.infonet.com*

Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes. Munist, M., Santos, H., Kotliarenco, M., Ojeda, El, Infante, F. & Grotberg, E. Washington, DC: PAHO, 1998.

Apresenta uma série de dinâmicas para trabalho direto com crianças e adolescentes na promoção de resiliência, que pode ser considerado um importante fator na prevenção de violência. Disponível gratuitamente em inglês e espanhol.

*OPS, Programa de Familia y Poblacion,
525 Twenty-third Street, NW, Washington, DC, 20037, USA
Tel: (202) 974-3086
Fax: (202) 974-3694
E-mail: maddalem@paho.org*

Aprendendo a ser e a conviver. Serrão, M. & Baleeiro, M. Salvador: FTD & Fundação Odebrecht, 1999.

Manual com atividades para formação de grupos, promoção de liderança, protagonismo juvenil, sexualidade e projeto de vida. Disponível somente em português.

*Contato: Fundação Odebrecht
Av. Tancredo Neves, 450, Ed. Suarez Trade,
33º andar – Caminho das Árvores,
41827-900, Salvador, BA, Brasil
Tel: (71) 340-1556/1423
Fax: (71) 340-1668
E-mail: fundacao@odb.com.br*

Choose a Future: Issues and Options for Adolescent Boys. A Sourcebook of Participatory Learning Activities. Washington, DC: Centre for Development and Population Activities (CEDPA), 1998.

Manual com mais de 50 atividades de grupo para trabalho com homens adolescentes sobre gênero, valores, relações interpessoais, famílias, participação comunitária, saúde, trabalho e meio ambiente. Disponível somente em inglês. Foi desenvolvido principalmente para uso em países africanos, mas traz exemplos interessantes de atividades que podem ser adaptadas para a região da América Latina.

*Contato: CEDPA
1400 16th Street, NW, Suite 100, Washington, DC, 20036, USA
E-mail: cmail@cedpa.org.*

White Ribbon Campaign: Men Against Violence Against Women. Education and Action Kit. Toronto: White Ribbon Campaign.

Este manual contém uma série de atividades elaboradas para professores executarem com jovens em escolas sobre o tema violência doméstica e violência nas relações íntimas, como também começar uma campanha contra esses tipos de violência em suas escolas ou comunidades. Disponível em inglês, mas alguns materiais podem ser encontrados em espanhol.

*Contato: The White Ribbon Campaign
365 Bloor Street East, Suite 1600, Toronto, ONT,
M4W 3L4, Canada
E-mail: whiterib@idirect.com.
Website: www.whiteribbon.ca*

Learning to Live without Violence: A Handbook for Men, Daniel Jan Sonkin & Michael Durphy, Volcano Press, USA

Este manual em inglês contém uma série de dinâmicas elaboradas para homens adultos nas áreas de prevenção de violência doméstica e administração de raiva. Ainda que elaboradas para homens adultos, muitas das atividades são úteis para trabalho com homens jovens.

*Contato: Volcano Press, P.O. Box 270, Volcano, CA,
95689, USA
Tel: (209) 296-3445
Fax: (202) 296-4515*

3- Vídeos

Nota: *Vários dos centros de referência dispõem de vídeos e filmes não mencionados aqui. Favor entrar em contato diretamente para temas e títulos.*

Artigo 2º (Artigo Segundo) – ECOS

Este vídeo apresenta uma série de episódios de violência do cotidiano vistos pela ótica de dois jovens. Ele chama a atenção para formas de violência que são mais sutis e que estão presentes no dia-a-dia.

*Contato: ECOS – Comunicação em Sexualidade
Rua do Paraíso, 592 – São Paulo/SP, 04103-001, Brasil
Tel/fax: (11) 3171-3315, 3171-0503
E-mail: ecos@uol.com.br*

Esto és cosa de hombres o mujeres?

Vídeo que faz parte do kit da MEXFAM mencionado anteriormente.



4- Websites e Centros de Referência

White Ribbon Campaign

Campanha internacional de homens contra violência doméstica, com base na Canadá.

365 Bloor Street East, Suite 1600, Toronto, ONT,
M4W 3L4, Canadá
Tel: (416) 920-6684
Fax: (416) 920-1678
E-mail: whiterib@idirect.com
Website: www.whiteribbon.ca

CORIAN – Coletivo de Homens por Relações Igualitárias

ONG que trabalha na área da prevenção de violência doméstica e violência de gênero com homens adultos e jovens

Diego Arenas Guzman 189
Col. Iztacihuatl, C.P. 03520
Delegacion B. Juarez, Mexico, DF
Tel/fax: (52 5) 5696-3498
E-mail: colectivo@coriac.org.mx
Website: www.coriac.org.mx

Central American Women's Network – Nicarágua

Este grupo procura novos caminhos para prevenção da violência doméstica e o machismo. Elaborou um filme intitulado "Macho". Este filme mostra os esforços feitos na Nicarágua para mudar as atitudes dos homens em relação à violência contra a mulher.

E-mail: cawn@gn.apc.org
Website: www.mailbase.ac.uk/lists/development-gender/2000-02/0004.html

OPS – Organização Panamericana de Saúde

Apóia pesquisas sobre violência, incluindo violência de gênero, e dispõem de vários documentos e na área de prevenção de violência com jovens.

525 Twenty-third Street, NW, Washington, DC,
20037, USA
Tel: (202) 974-3086
Fax: (202) 974-3694
Website: www.paho.org

OMS – Organização Mundial de Saúde

Mantém uma base de dados sobre violência e prevenção de violência, incluindo violência de gênero.

20 Avenue Appia, CH-1211,
Geneva 27 Switzerland
Website: www.who.int

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Coordena atividades de prevenção de violência contra mulheres e meninas e trabalha com o tema de educação para a paz.

UNICEF House
3 UN Plaza, New York, NY 10017, USA
Website: www.unicef.org

NVPP – The Network of Violence Prevention Practitioners

NVPP é um membro de uma associação que congrega profissionais que trabalham em nível local e nacional nos EUA e também em nível internacional na área de prevenção da violência. Para os associados, existem acessos à troca contínua de informações, oportunidades de treinamento, pesquisas recentes e diálogo entre profissionais, pesquisadores e avaliadores de programas. Os materiais estão disponíveis em espanhol e inglês.

Website: www2.edc.org/nvpp

CLAVES – Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde

Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública

Centro de pesquisa que trabalha na área de violência e prevenção, com estudos e projetos dedicados a violência juvenil no Brasil.

Av. Brasil 4036, sl. 702, Manguinhos
Rio de Janeiro, RJ 21040-361 Brasil
Tel: (21) 2290-4893
Fax: (21) 2270-1793

Instituto NOOS

ONG brasileira trabalhando com homens adultos na prevenção da violência de gênero e intrafamiliar.

Rua Martins Ferreira, 28, Botafogo
Rio de Janeiro, RJ 22271-010 Brasil
Tel/fax: (21) 2579-2357
E-mail: noos@alternex.com.br

Instituto PROMUNDO

ONG brasileira afiliada ao JSI Research and Training Institute, Boston, USA, que trabalha na área de pesquisas e políticas relacionadas a crianças e adolescentes. Tem várias iniciativas na área de prevenção de violência com homens jovens, incluindo violência de gênero. Veja estudo de caso na próxima seção.

Rua Francisco Serrador, 2/702, Centro
Rio de Janeiro, RJ 20031-060 Brasil
Tels: (21) 2544-3114, 3115
Fax: (21) 2220-3511
E-mail: promundo@promundo.org.br
Website: www.promundo.org.br



RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Introdução

Nos últimos anos, muitos dos programas que trabalham com jovens na região das Américas têm sido chamados de “prevenção de violência”. Programas que trabalham com esportes, atividades culturais ou outras atividades recreativas associadas ou não com a escola podem de fato prevenir a violência. Oferecer aos jovens, particularmente aos homens jovens, espaços para interação de forma positiva e pró-social é de vital importância. O que deve ficar claro é que nem

todos os programas que se identificam como “prevenção de violência” utilizam o que se sabe das pesquisas sobre violência, e procuram prevenir a violência com essas informações e a participação dos jovens. Além disso, apesar de existirem vários programas importantes na área de prevenção de violência, apenas alguns poucos têm um olhar para a questão do gênero (particularmente a forma como os meninos são socializados) e da violência. Se sabemos que os rapazes cometem mais violência, devemos então pensar na conexão que existe entre a forma como eles são socializados em relação ao gênero e à violência.



As Iniciativas

Desde 1998, o Instituto PROMUNDO, uma ONG que trabalha na área social no Brasil, vem trabalhando o tema de prevenção de violência, incluindo violência de gênero, com homens jovens. Os componentes do programa incluem:

O Projeto De Jovem para Jovem, coordenado pelo Instituto PROMUNDO e o Grupo Consciência Masculina, promove treinamento de homens jovens entre 15 e 21 anos de duas comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro para atuar como promotores juvenis nas áreas de saúde sexual e reprodutiva e na prevenção da violência doméstica. Pesquisa anterior realizada com homens jovens mostrou fatores associados à demonstração de atitudes mais equitativas de gênero entre eles. Esses fatores foram incorporados no desenho do projeto, promovendo reflexões sobre os “custos” de versões tradicionais de masculinidade, incluindo os impactos nas famílias da violência de homens contra mulheres. O recrutamento seletivo destes promotores foi uma importante estratégia do projeto. Foram selecionados aqueles jovens que mostravam atitudes mais equitativas de gênero, que demonstravam respeito na relação com suas namoradas e companheiras, que acreditavam que na participação masculina no campo da saúde sexual e reprodutiva e que tomavam atitude contra a violência dos homens contra as mulheres. Assim se constituem num exemplo positivo para outros homens. Os rapazes escreveram e produziram uma peça sobre a violência contra a mulher e elaboraram uma fotonovela “Esfria a cabeça, rapaz!”, com a qual se vêm apresentando em escolas, encontros de jovens, e centros de saúde nas próprias comunidades. Até o final de 2000, a peça tinha sido apresentada a mais de 1000 pessoas no Rio de Janeiro e São Paulo, e ganhou um prêmio da Universidade de São Paulo, como intervenção na área de violência intrafamiliar.

Projeto de “Mentores”. Reconhecendo que para muitos rapazes faltam “modelos” ou referências masculinas positivas, esta iniciativa tem procurado estabelecer o contato dos jovens com homens adultos nas mesmas comunidades. Coordenada pelo Instituto NOOS em colaboração com o Ins-

tituto PROMUNDO, tal iniciativa está interligando homens idosos de duas comunidades de baixa renda com homens jovens das mesmas comunidades, com o objetivo de prevenir a violência e fortalecer a comunidade. Quando perguntado aos jovens o que eles queriam ouvir dos homens idosos, eles disseram: “Ouvir as histórias de sua vida”. Outro jovem disse: “Estes homens idosos são legais”. Através de dinâmicas de interação e convivência, os homens jovens e adultos trabalham juntos para planejar e desenvolver atividades de prevenção da AIDS e prevenção da violência intrafamiliar na comunidade.

Produção de materiais sobre a prevenção de violência, e capacitação de profissionais que trabalham com jovens. Além desta ação direta com jovens em comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro, o PROMUNDO vem produzindo material sobre violência e jovens, que inclui:

Construindo o Ciclo da Paz (veja na lista de recursos)

What about Boys? (veja na lista de recursos, produzido por PROMUNDO para a OMS)

A cartilha “Esfria a cabeça rapaz: uma cartilha para rapazes sobre violência contra mulheres”, elaborado por e para rapazes sobre violência de gênero.

Formando e fortalecendo redes comunitárias e entre organizações. PROMUNDO vem colaborando com várias organizações parceiras – entre elas a Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância/Universidade Santa Úrsula e o Instituto NOOS – na formação e fortalecimento de redes comunitárias, seja a favor de crianças e jovens, seja para prevenção da violência intrafamiliar. Essa estratégia procura engajar e fortalecer o que as comunidades já fazem ou podem fazer para prevenir a violência. PROMUNDO também fundou no Brasil, junto com outras ONGs, a Campanha do Laço Branco – movimento de homens pelo fim da violência contra a mulher.

Conduzindo pesquisas sobre violência de gênero e homens. PROMUNDO, junto com o Instituto NOOS, vem conduzindo várias pesquisas – quantitativas e qualitativas – sobre homens e violência de gênero, utilizando essa informação para criar estratégias de prevenção.

Conclusões

As iniciativas do PROMUNDO na área de prevenção de violência têm sido fruto de pesquisas anteriores com jovens. Especificamente, procuramos através destas pesquisas, identificar os caminhos da paz – seja entre rapazes, seja entre eles e as mulheres – em comunidades violentas. Partimos, não de uma perspectiva de déficit, mas de uma perspectiva de que existe em toda comunidade – por mais violenta que seja – homens jovens que procuram promover a paz, e não a violência. Ou seja, mesmo em contextos em que a violência é generalizada e em que violência contra a mulher é considerada “normal”, existem jovens que questionam esta violência e acreditam em versões “alternativas” de masculinidade. Esses homens jovens e adultos podem e devem ser considerados aliados na prevenção de violência, como possíveis modelos, como promotores juvenis ou como mentores. É exatamente este o caminho que o PROMUNDO vem trilhando no trabalho de prevenção da violência – inter e intragênero.



ORGANIZAÇÕES COLABORADORAS NA VALIDAÇÃO DOS CADERNOS

BEMFAM - Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil

É uma organização não governamental, de ação social, sem fins lucrativos. Atua prestando serviços à população em 14 Estados do país, através de Programas Estaduais, Clínicas de Saúde Reprodutiva, Laboratórios de Citopatologia e Análise Clínicas. Desenvolve pesquisas na área de demografia e saúde e presta assessoria técnica a órgãos governamentais e não-governamentais. É uma ONG comprometida com o Plano de Ação de Cairo, especialmente na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, na difusão da qualidade dos serviços sob a perspectiva da equidade de gênero.

Avenida República do Chile 230 - 17º andar

20031-170 - Rio de Janeiro - Brasil

Tel: (21) 2210-2448

Fax: (21) 2220-4057

E-mail: info@bemfam.org.br

Website: www.bemfam.org.br

INPPARES - Instituto Peruano de Paternidad Responsable

INPPARES (Instituto Peruano de Paternidad Responsable) é uma organização não-governamental, cuja missão é contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, especialmente aquelas de classes social e econômica menos favorecidas, oferecendo-lhes educação e serviços integrais com ênfase na saúde sexual e reprodutiva.

Suas ações são voltadas para mulheres e homens, incluindo populações em situações de risco como crianças, adolescentes, jovens e adultos. Possui sede nas principais cidades do Peru e seu trabalho inclui temas relacionados à prevenção de DST/Aids e à violência, com enfoque de gênero e de direitos sexuais e reprodutivos. INPPARES é o membro peruano da IPPF (International Planned Parenthood Federation).

115 Gregorio Escobedo

Jesús María, Lima, Peru.

Tel: (511)261-5522, 261-5533, 463-5778

Fax: (511)261-7885

E-mail: postmast@inppares.org.pe

Website: www.inppares.org.pe

MEXFAM - Fundación Mexicana para la Planeación Familiar

MEXFAM (Fundación Mexicana para la Planeación Familiar) é uma associação civil, dirigida por voluntários, e sem fins lucrativos, especializada em difundir a prática da regulação voluntária da fecundidade entre os setores mais necessitados da população mexicana: os mais pobres, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, os jovens e os homens.

Foi fundada em 1965 e é o membro mexicano da IPPF. Sua missão é proporcionar serviços de vanguarda e de qualidade nas áreas de planejamento familiar, saúde e educação sexual, de maneira prioritária a população mais vulnerável do México. Juárez 208, Tlalpan - C.P. 14000, México D.F.

Tel: (52 015) 573-7100

Fax: (52 015) 57-2318 / 655-1265

E-mail: mexfinfo@mexfam.org.mx

Website: www.mexfam.org.mx

PROFAMILIA

PROFAMILIA é uma entidade privada, sem fins lucrativos e que desde sua fundação, há mais de 35 anos, se propõe ao bem-estar da família colombiana em especial, da população de mais baixos recursos. Por sua eficiência, na qualidade de prestação de serviços e de sua missão filantrópica, PROFAMILIA já recebeu inúmeras distinções nacionais e internacionais, e é considerada um modelo de excelência no âmbito mundial de programas de planejamento familiar e saúde sexual e reprodutiva, sendo a primeira instituição deste tipo na América Latina. Atualmente conta com 35 centros situados nas principais cidades do país, nos quais oferece programas clínicos, cirúrgicos e educativos em saúde sexual e reprodutiva a mulheres, homens e adolescentes a partir dos 13 anos de idade. Em cinco centros são oferecidos serviços de consultoria jurídica. PROFAMILIA é o membro colombiano da IPPF.

Calle 34 N. 14-52 - Bogotá, Colômbia

Tel: (571) 339-0948

Fax: (571) 339-0946

E-mail: info@profamilia.org.co

Website: www.profamilia.org.co

Save the Children - US

Save The Children é uma organização internacional sem fins lucrativos, sem inclinação política nem religiosa. Foi fundada nos Estados Unidos em 1932. Trabalha em 40 países em desenvolvimento na África, Ásia, Europa e América Latina, fortalecendo processos compartilhados com as próprias comunidades, com intuito de lograr sucesso e obter melhores níveis de saúde e educação.

Na Bolívia, conhecida pelo nome de Desenvolvimento Juvenil Comunitário (DJC), existe desde 1990. Todas suas atividades estão dirigidas ao cumprimento de sua missão institucional que consiste em “estabelecer trocas positivas e duradouras nas vidas das crianças e jovens em situação de desvantagem, incluindo também suas famílias”.

Calle Luis Crespo, 2031

Casilla 15120

La Paz, Bolivia

Tel: (591) 241-3011, 591 241-2839

Fax: (591) 231-2455

E-mail: bolivia@savechildren.org

Website: www.savethechildren.org



Sexualidade

BIBLIOGRAFIA

- 1- American Academy of Pediatrics (1997). Study reveals factors that prevent teens from sexually aggressive behavior. Chicago, Il: Author.
- 2- Banco Interamericano de Desenvolvimento (1999). Citado em Fontes, M., May, R., Santos, S. (1999) Construindo o ciclo da Paz. Brasília, Brasil: Instituto PROMUNDO.
- 3- Barker, G. (2001). Peace boys in a war zone: identity and coping among adolescent men in favela, Rio de Janeiro, Brazil [Doctoral dissertation]. Erikson Institute, Chicago, USA.
- 4- Barker, G. (2000) What about Boys? A Literature Review on the Health and Developmental Needs of Adolescent Boys. Geneva: World Health Organization.
- 5- Barker, G. (2000). "Gender equitable boys in a gender inequitable world: Reflections from qualitative research and programme development in Rio de Janeiro". Sexual and Relationship Therapy, Vol. 15, No. 3, 263-282.
- 6- Barker, G. (1998). "Non-violent males in violent settings: An exploratory qualitative study of pro-social low income adolescent males in two Chicago (USA) neighborhoods". Childhood: A Global Journal of Child Research. Vol. 5(4): 437-461.
- 7- Barker, G. & Loewenstein, I. (1997). "Where the boys are: Attitudes related to masculinity, fatherhood and violence toward women among low income adolescent and young adult males in Rio de Janeiro, Brazil". Youth and Society, 29/2, 166-196.
- 8- Blum, R. & Rinehart, P. (1997). Reducing the risk: Connections that make a difference in the lives of youth. Bethesda, Maryland: Add Health.
- 9- Courtenay, W. H. (1998). Better to die than cry? A longitudinal and constructionist study of masculinity and the health risk behavior of young American men [Doctoral dissertation]. University of California at Berkeley, Dissertation Abstracts International.
- 10- Earls, F. (1991). "A developmental approach to understanding and controlling violence". In: H. Fitzgerald, et al, Eds., Theory and Research in Behavioral Pediatrics, Vol. 5. New York: Plenum Press.
- 11- FOCUS on Young Adults (1998). Sexual abuse and young adult reproductive health. In: In Focus. September 1998. 1-4. Washington, DC: FOCUS.
- 12 -Gonçalves de Assis, S. (1997). Crescer sem violência: Um desafio para educadores. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública.
- 13- Hawkins, D. (1996). Ethnicity, Race, Class

- and Adolescent Violence. Boulder, Colorado: Center for the Study and Prevention of Violence, Institute for Behavioral Sciences, University of Colorado, Boulder.
- 14- Heise, L. (1994). Gender-based abuse: The global epidemic. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro 10 (Supl. 1). 1994. 135-145.
- 15- Lundgren, R. (1999). Research protocols to study sexual and reproductive health of male adolescents and young adults in Latin America. Prepared for Division of Health Promotion and Protection, Family Health and Population Program, Pan American Health Organization, Washington, D.C.
- 16- McAlister, A. (1998). *La violencia juvenil en las Americas: Estudios innovadores de investigación, diagnóstico y prevención*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud.
- 17- Miedzian, M. (1991). *Boys will be boys: Breaking the link between masculinity and violence*. New York: Anchor Books.
- 18- Minayo, C., Assis, S., Souza, E., Njaine, K., Deslandes, S. et al (1999). *Fala galera: Juventude, violência e cidadania na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UNESCO.
- 19- Ruzany, M., Peres, E., Asmus, C., Mathias, C., Linhales, S., Meireles, Z., Barros, C., Castro, D. & Cromack, L. (1996). *Urban violence and social participation: A profile of adolescents in Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Adolescent Health Unit, State University of Rio de Janeiro. [Relatório de pesquisa não publicado]
- 20- Stormont-Spurgin, M. & Zentall, S. (1995). Contributing factors in the manifestation of aggression in preschoolers with hyperactivity. *J. Child Psychol. Psychiat.* Vol. 36, No. 3, 491-509.
- 21- UNICEF. (1998). *Knowledge, attitudes and practices of basic life skills among Jordanian parents and youth: A national study [draft]*. Amman, Jordan: Author.
- 22- U.S. Department of Health and Human Services. (1991). Vol 2, Part A "Mortality" Page 51. Tables 1-9. "Death Rates for 72 Selected Caused by 5-Year Age groups, Race and Sex, U.S. 1988." Washington, DC: Author.
- 23- U.S. Department of Justice (1997). *The Prevalence and Consequences of Child Victimization*. NIJ Reserch Preveiw. Washington, DC: National Institutes of Justice.
- 24- World Bank. (1997). "Crime and violence as development issues in Latin America and the Caribbean." Paper prepared for the Conference on Urban Crime and Violence, Rio de Janeiro, Brazil, March 2-4, 1997.



ANEXO

Prova de Campo dos Cadernos Série “Trabalhando com Homens Jovens”

Todas estas atividades foram testadas, em cinco países da América Latina, com 172 homens jovens entre 15 e 24 anos, em colaboração com IPPF/WHR:

- INPPARES, em Lima, Peru;
- PROFAMILIA, em Bogotá, Colômbia;
- MEXFAM, México, DF;
- Save the Children, em Oruro, Bolívia;
- BEMFAM, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, Brasil.

Em termos de resultados qualitativos da prova de campo, foram destacados os seguintes pontos:

Primeira participação em grupos somente de homens. Em diversos locais, os participantes mencionaram que foi a primeira vez que trabalharam em grupos somente de homens. A maioria elogiou esse tipo de trabalho somente com homens. Disseram que conseguiram falar sobre emoções, o que geralmente em grupos mistos não acontecia.

Aumento de empatia e atenção com os outros. Em termos de resultados positivos, um dos homens jovens disse que depois de participar das técnicas: “... nós nos vimos nos olhos do outro...”. Muitos participantes mencionaram que haviam refletido sobre os aspectos positivos da atenção e cuidado com os outros e questionaram por que os homens não cuidam mais das pessoas e coisas que os cercam.

Questionamento do machismo. Um dos participantes disse que as técnicas o ajudaram a quebrar a “armadura de ser um homem”. Um outro disse que: “Nós começamos a reconhecer o nosso próprio machismo. Reconhecemos que todos nós somos machistas”.

Reflexões sobre paternidade. Muitos grupos elogiaram o fato de se falar sobre o significado de ser pai, particularmente o significado de seus próprios pais para eles, algo que eles nunca haviam feito.

Mencionar o grupo aos seus amigos. Como um resultado indireto dos grupos, muitos participantes disseram que comentaram sobre o grupo com outros homens jovens de seu círculo de amizade.

Reconhecimento do ciclo da violência. Em um dos locais do teste de campo, os participantes disseram num grupo focal de avaliação que após sua participação nas técnicas, perceberam a conexão entre a violência que assistiram ou experimentaram e a violência que praticavam. Um dos rapazes disse que passou a ver a ligação que existia entre a violência que sofrera de seus pais e o fato de cometer violência contra seu irmão menor.

Mudança no estilo de interação entre os rapazes. Em um dos locais da prova de campo, um rapaz disse que as técnicas propiciaram uma mudança na forma de falar e de interagir com outros rapazes, saindo de uma relação de competitividade e ameaças para uma relação de honestidade e respeito.

Em termos de recomendações ou aspectos que precisam ser melhorados, foi mencionado:

O período de tempo. Quase em todos os locais mencionaram que o tempo foi muito curto para a complexidade dos temas apresentados. Tanto os rapazes como os facilitadores demandaram por mais tempo.

Usar as atividades somente com grupos de rapazes e em grupos mistos. Muitos facilitadores notaram que as atividades podem ser ajustadas facilmente para grupos de meninas e mistos.

Adaptar ao contexto local. Em todos os locais, foi recomendado que as atividades sejam adaptadas ao contexto local.

Mais tempo em grupos somente de homens. Em vários locais, um interesse grande nos temas fez com que os rapazes requisitassem mais grupos. Em quase todos

os locais, os rapazes afirmaram que gostariam de ter mais tempo nesse tipo de grupo para continuar e aprofundar as discussões sobre gênero, masculinidade, violência, sexualidade e relacionamentos.

 **Mais temas.** Em termos de temas adicionais que quiseram incluir, muitos grupos sugeriram aqueles relacionados ao relacionamento de casal. [Respondendo a esta demanda, as organizações colaboradoras estão planejando uma série de manuais sobre relacionamentos].

 **Capacitação para facilitadores.** Os 10 facilitadores que executaram o teste de campo das técnicas não receberam nenhum tipo de treinamento prévio na utilização dos materiais. Eles receberam os manuais, em sua versão preliminar, e aplicaram as técnicas. Embora todos reconhecessem que eram capacitados para as aplicarem, todos afirmaram que era preferível a capacitação, particularmente para ajudar os facilitadores a refletir sobre seus próprios valores sobre homens, gênero e masculinidades. [Como resposta a esta demanda, as organizações colaboradoras estão promovendo uma série de workshops na utilização destes materiais, ainda que estes materiais possam ser adquiridos e utilizados sem a necessidade de participação nestes workshops].

 **Tomar cuidado com o “discurso politicamente correto”.** Os facilitadores mencionaram que às vezes percebiam que os rapazes não estavam de fato refletindo sobre os temas tratados nas técnicas, mas que estavam simplesmente falando aquilo que os facilitadores gostariam de ouvir. Eles sugeriram que, falando como facilitadores, em estar trabalhando mais tempo com os jovens para ultrapassar esta etapa do discurso “politicamente correto”.

 **Fornecer mais informações através de apresentações audiovisuais.** Muitos facilitadores disseram que além das técnicas, seria útil considerar o uso de apresentações básicas com informações sobre vários temas como violência, gênero, uso de drogas, sexualidade, HIV/AIDS como um complemento.

Em termos de resultados quantitativos, foi usado um instrumento simples de pré e pós teste para avaliar as mudanças de atitudes e

de conhecimentos após participação nas técnicas. Por conta de que diferentes técnicas foram testadas em diferentes contextos, e o número de participantes em cada um foi limitado, as mudanças avaliadas devem ser consideradas preliminares. Além disso, o fato de que o pós-teste foi aplicado imediatamente após a participação nas técnicas, não podemos afirmar mudanças de atitude a longo prazo. Ainda assim, podemos observar mudanças baseadas nas questões que se seguem. Cada uma destas perguntas foi apresentada como as opções: *concordo plenamente, concordo mais ou menos, não concordo, não sei.*

1- “O homem tem que ter muitas mulheres e divertir-se muito antes de constituir uma família.”

Houve uma significativa alteração nos percentuais de “não concordo”, sugerindo que algum questionamento da percepção tradicional que os homens devem ter muita experiência sexual.

2- “O pai que é jovem, sempre é irresponsável e nunca assume seu filho.”

Aumentou o número de “não concordo”, sugerindo que eles perceberam caminhos em que pais jovens podem ser mais envolvidos com o cuidado de seus filhos e serem responsáveis.

3- “As etiquetas ou estereótipos que as pessoas põem nas outras afetam o desenvolvimento pessoal e as relações humanas.”

Muitos participantes concordaram com esta afirmação, sugerindo uma compreensão do fato de rotular e culpabilizar.

4- “Não há nada que se possa fazer para prevenir a violência.”

Com esta questão, houve uma significativa alteração em “não concordo”. Eles passaram a acreditar que podiam fazer alguma coisa para reduzir a violência.

5- “Como o homem é forte, sua vulnerabilidade em relação a AIDS é baixa”.

Um aumento de respostas “não concordo” com esta afirmativa, sugere que eles são capazes de perceber o “mito da força masculina”.

6- “O preservativo diminui o prazer e pode romper-se.”



Apenas alguns rapazes concordaram com esta afirmação.

7- “As redes sociais favorecem a saúde mental, pois servem para desenvolver vínculos afetivos, de cuidado e de apoio.”

Muitos dos rapazes concordaram com esta afirmação, sugerindo a possibilidade de aumento do comportamento de busca de ajuda.

8- “Se alguém me insulta, defendo minha honra pela força se for necessário.”

Apenas alguns rapazes concordaram, sugerindo o questionamento da honra masculina.

9- “O corpo do homem é muito simples: pênis e testículos. Somente é necessário lavá-lo e pronto.”

Poucos rapazes concordaram, sugerindo uma maior conscientização da complexidade da anatomia masculina.

Baseados nestes resultados iniciais do teste de campo, as organizações colaboradoras estão planejando um estudo de avaliação de impacto a longo prazo para medir e compreender o impacto em homens jovens na participação nas técnicas por um determinado período de tempo.

projeto

Ilustração

Newton Foot

Edição de arte

Gilson Nakazato

Samuel Paiva

Direção de arte

Reginaldo Bianco

Projeto editorial e gráfico

3Laranjas Comunicação

www.3laranjas.com.br

3laranjas@3laranjas.com.br

Rua Mateus Grou, 260 cj 06 Pinheiros

cep: 05415-040 São Paulo - SP - Brasil

Instituto PROMUNDO é uma organização não-governamental com escritórios no Rio de Janeiro e Brasília que procura aplicar conceitos das áreas de desenvolvimento humano, marketing social e direitos da criança através de pesquisa, apoio técnico, capacitação e disseminação de resultados de estratégias efetivas e integrais que contribuam para a melhoria das condições de vida de crianças, jovens e suas famílias. PROMUNDO executa estudos de avaliação; oferece treinamento para organizações trabalhando nas áreas relacionadas ao bem-estar de crianças, jovens e famílias; e trabalha com organizações parceiras que desenvolvam serviços e intervenções inovadoras para crianças, jovens e famílias. PROMUNDO é uma organização não-governamental brasileira afiliada ao John Snow Research and Training Institute e a John Snow do Brasil. Suas áreas específicas de atuação incluem: prevenção de violência, fortalecimento de sistemas comunitários de apoio para crianças e adolescentes; gênero, saúde e adolescência; e crianças e famílias afetadas pela AIDS.

Contatos: Gary Barker / Marcos Nascimento

Rua Francisco Serrador, 2 / sala 702 - Centro
Rio de Janeiro, RJ, 20031-060, Brasil
Tel: (21) 2544-3114 / 2544-3115
Fax: (21) 2220-3511
E-mail: g.barker@promundo.org.br
Website: www.promundo.org.br



A série *Trabalhando com Homens Jovens*, destinada a educadores e agentes de saúde, compreende cinco cadernos e o vídeo *Minha Vida de João*. Cada caderno é composto por uma parte teórica e uma série de técnicas participativas para facilitar o trabalho em grupo com homens jovens (entre 15 e 24 anos). No vídeo, em desenho animado, é mostrado, de forma criativa e lúdica, como os homens jovens são socializados e como é possível questionar as maneiras tradicionais de ser homem.



Projeto H - Série Trabalhando com Homens Jovens, na promoção da saúde e da equidade de gênero.